

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS-DL
CURSO DE LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA

MICHARLANE DE OLIVEIRA DUTRA

ENTRE SONHOS, DESEJOS E PECADOS: OS PERFIS FEMININOS EM AS *TRÊS*
***MARIAS* DE RACHEL DE QUEIROZ.**

PATU
2016

MICHARLANE DE OLIVEIRA DUTRA

**ENTRE SONHOS, DESEJOS E PECADOS: OS PERFIS FEMININOS EM AS *TRÊS*
MARIAS DE RACHEL DE QUEIROZ.**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Letras. Sob orientação da Profa^a. Ma^a. Larissa Cristina Viana Lopes.

PATU
2016

MICHARLANE DE OLIVEIRA DUTRA

**ENTRE SONHOS, DESEJOS E PECADOS: OS PERFIS FEMININOS EM AS *TRÊS*
MARIAS DE RACHEL DE QUEIROZ**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Letras. Sob orientação da Profa^a. Ms^a. Larissa Cristina Viana Lopes.

Aprovada em ___/___/_____

Banca Examinadora

Prof^a. Ms^a. Larissa Cristina Viana Lopes.
Orientadora

Prof. Ms. Fernando de Azevedo Guedes
1º Examinador

Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva
2º Examinador

PATU
2016

À minha família que esteve ao meu lado em todas as circunstâncias da vida.

À todas as mulheres que foram silenciadas e aquelas que lutaram para serem ouvidas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por sempre ter me abençoado, e está presente em todos os momentos de minha vida, dando-me força para seguir e sabedoria para lidar com os desafios do dia a dia, sou grata infinitamente ao meu Senhor, pela realização deste sonho, se formar em Letras.

Em segundo lugar, agradeço aos meus pais, Damiana de Fátima Oliveira Dutra e Manoel Dutra Neto, pelo incentivo, cuidados e orações. Sem a presença deles em minha vida, nada seria igual. Amo-os imensamente.

Aos meus irmãos, Adriana Oliveira Dutra e Mikael Alessandro de Oliveira Dutra, por serem essas pessoas tão especiais para mim, sou grata pela paciência e amor recebido.

Ao meu primo Aluisio Dutra de Oliveira, pelo apoio durante esse período de graduação.

A minha orientadora Larissa Cristina Viana Lopes, não apenas pela satisfatória orientação, mas pela confiança, parceira e motivação. Suas aulas de Literatura Brasileira foram todas sensacionais, as mesmas me serviram de inspiração para construção deste trabalho.

As amigas especiais, Driely e Joecilma, por todos os momentos compartilhados, sejam de aprendizados, experiências, alegria, tristeza, pela paciência e carinho, levarei para vida toda.

As amigas Cláudia, Lyvia e Fátima, pelos seminários, conversas nos intervalos, e tudo que vivenciamos nesses quatro anos.

As pessoas que convivi as experiências do PIBID, que foram essenciais para minha formação pessoal e profissional.

A todos os professores que tive a oportunidade de conhecer e compartilhar conhecimento.

Aos professores, Francisco Vieira, que apesar de pouco tempo de convivência mostrou seu carisma e simplicidade, ao professor Fernando Guedes, por transmitir alegria e paciência, além disso, agradeço por terem aceitado o convite para participar de minha banca de monografia.

Enfim, a todos aqueles amigos, familiares, colegas, que vibraram comigo esta conquista e estão felizes pela finalização desse trabalho, obrigada.

Minhas mulheres são danadas, não são? Talvez seja ressentimento do que não sou e gostaria de ser.

(Rachel de Queiroz, 1997)

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as personagens femininas da obra *As Três Marias* (1939) de Rachel de Queiroz. Para compreender e traçar os perfis dessas mulheres, abordaremos sobre o contexto histórico da mulher do século XX com Moraes (2003), emancipação feminina com Alves (2003), o feminismo no Brasil com Teles (1993), também trataremos do romance de 30 com Bueno (2015), conheceremos a trajetória literária e aspectos da vida de Rachel de Queiroz com Acioli (2003) e Caminha (2010), e algumas ressalvas referentes ao drama da liberdade com Villaça (2010), dentre outros teóricos. A metodologia utilizada enviesa pela pesquisa qualitativa, encaminhada indutivamente, caracterizada como uma análise bibliográfica e de natureza descritivo-analítica. Temos algumas verificações a serem observadas sobre nosso estudo, com base no nosso aporte teórico, aqui discutido. Diante das análises sobre a obra mencionada, constatamos que as personagens Marias se configuram em destinos diferentes, mas unidas pela amizade. Maria da Glória assume o papel de mulher casada, seguindo o padrão social da época. Maria José apresenta um perfil de religiosa, dedicando seus dias a alcançar à purificação, enquanto Maria Augusta, a personagem-narradora, recusa-se viver a vida determinada pelo poder patriarcal, pois tem anseios por aventuras, desejo de conhecer outros caminhos, rompendo com a tradição e buscando novos sentidos para sua existência como mulher. Através das três personagens, percebemos a representação da mulher na sociedade desde a que se submete ao padrão estabelecido até a que rompe com este, evidenciando as mudanças pelas quais a mulher passou e tem passado na vida social.

PALAVRAS-CHAVE: Rachel de Queiroz. *As três Marias*. Perfis femininos. Mulher e sociedade.

ABSTRACT

This research aims to analyze the female characters of the work *As três Marias* (1939) by Rachel de Queiroz. To understand and trace the profiles of these women, we will discuss about the historical context of women of the twentieth century to Moraes (2003), feminine emancipation with Alves (2003), Feminism in Brazil with the Teles (1993), we will deal with the novel of 30 with Bueno (2015), we will know the literary trajectory and aspects of Rachel de Queiroz's life with Acioli (2003) and Caminha (2010), and some caveats regarding the drama of freedom with Villaça (2010), among others. The methodology used by qualitative research, guided inductively, characterized as a bibliographic analysis and descriptive-analytical nature. We have some verifications to be observed about our study, based on our theoretical part, discussed here. Faced with our analysis of the mentioned work, we found that the Marias characters are configured in different destinations, but united by friendship. Maria da Glória assumes the role of married woman, following the social standard of the time. Maria José presents a religious profile, dedicating her days to reach the purification, while Maria Augusta, the narrator-character, refuses to live the life determined by patriarchal power, because she has longing for adventures, desire to know other ways, breaking with tradition and seeking new meanings for her existence as a woman. Through the three characters we perceive the representation of women in society, from the woman who submits to the established pattern, to the one that breaks with this, evidencing the changes that the woman has passed and has been through social life.

KEY WORDS: Rachel de Queiroz. The three Marias. Female profiles. Woman and society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A MULHER DO SÉCULO XX	12
2 A LITERATURA DE RACHEL DE QUEIROZ	26
3 OS PERFIS FEMININOS EM AS <i>TRÊS MARIAS</i>	38
3.1 Conhecendo o universo das Marias	38
3.2 Maria Augusta: entre o mundo sonhado e o mundo determinado	41
3.3 Maria José: entre a submissão e o confinamento	51
3.4 Maria da Glória: entre a dor e a luz	57
3.5 Marias no espelho	62
4 CONCLUSÃO.....	66
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as personagens femininas na obra *As três Marias* (1939) de Rachel de Queiroz, século XX. Para isso, esse objetivo se desmembra em outros três objetivos, que são eles: Caracterizar as personagens Marias na obra *As três Marias*, com finalidade de compreender a imagem de mulheres construídas nestas personagens; traçar os perfis femininos do romance citado; comparar as personagens a fim de estabelecer semelhanças e diferenças entre os perfis traçados.

Para alcançarmos tais objetivos, alguns pontos importantes devem ser levados em consideração, como a identificação de como se apresenta o ambiente (convento) no enredo do romance, tido como um processo de condução; o conhecimento de como a religião molda o comportamento e é responsável pela construção da personagem e a verificação sobre o fim do percurso dessas mulheres com um ato ou não de liberdade diante da condição a que são submetidas as personagens.

O desejo para realizar essa pesquisa nasceu a partir do estudo da disciplina de Literatura Brasileira III, durante a realização de um seminário proposto em sala de aula sobre a escola literária modernista, em que, dentre os autores dessa geração, a autora sorteada para nossa pesquisa foi Rachel de Queiroz. A obra que escolhemos para desenvolver o trabalho foi a que hoje é *corpus* desta investigação e nos chamou a atenção justamente para a configuração de mulheres na narrativa. Passamos a nos interessar pelos textos da autora e, ao chegar o momento para desenvolver esta monografia, despertou-nos a curiosidade a respeito da denúncia social que a autora faz diante do papel estabelecido para a figura feminina, levando em consideração aspectos socioculturais da época em que foi escrita.

Considerando a relevância do tema, a metodologia utilizada foi uma pesquisa essencialmente qualitativa, segundo Gonsalves (2007, p. 69): “preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas”. Ainda, a abordagem é segundo um viés indutivo e análise de caráter bibliográfico, descritiva- interpretativa, pois esse estudo abrange leituras, interpretações e referências teóricas publicadas, que de acordo com Gil (1995, p.73): “A pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre um determinado assunto”. Por fim, se utilizará de técnica descritiva-analítica em que procuramos descrever e analisar os fatos correspondentes aos perfis das personagens estudadas.

Para fundamentar este trabalho tomamos como aporte teórico as teorias acerca da mulher do século XX com Moraes (2003), sobre a o feminismo no Brasil com a autora Teles

(1993), ainda sobre o romance de 30 com Bueno (2015), a Literatura de Rachel de Queiroz com Acioli (2003) e Caminha (2010), o drama da liberdade com Villaça (2010), entre outros teóricos.

Esta monografia está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo discutimos acerca da mulher do século XX, tendo em vista o diálogo que se estabelece entre o romance e seu momento histórico na chamada geração de 1930. Através dos aspectos sociais podemos justificar alguns comportamentos femininos e as contribuições que o processo industrial e urbano trouxe para o crescimento do capitalismo no início da emancipação da mulher no mercado de trabalho.

No segundo capítulo deste trabalho, procuramos abordar as principais características da vida da escritora Rachel de Queiroz. Ressaltamos aspectos sobre o envolvimento da autora com a política, as experiências envolvidas e o processo de construção da obra de autoria feminina. Ainda neste capítulo, mencionamos o novo olhar da romancista sobre assuntos que já foram retratados apenas por autores masculinos, como, por exemplo, Graciliano Ramos, que escreveu sobre a seca e problemas socioeconômicos. Destacamos ainda a inovação feita por ela sobre a questão do papel da mulher na sociedade.

Já o terceiro capítulo cuida da análise em que analisa os perfis femininos pelo viés dos anos de 1930, fase na qual a literatura também se caracteriza livremente como sendo denunciadora. Serão analisadas cada Maria, ou seja, cada personagem feminina da narrativa segundo as colocações feitas pela narradora/personagem, ou seja, de que modo Guta pensa sobre o papel e o lugar da mulher, os estereótipos que a envolvem, não somente dela, mas de suas duas amigas: Maria José e Maria da Glória.

Diante da metodologia traçada, do aporte teórico discutido e do texto que ora apresentamos, esperamos analisar os perfis femininos da mulher no século 30 na obra *As três Marias*, compreendendo ser de suma importância para a área de estudos de análise literária, pois, ao desenvolver um trabalho que identifica como se deu o processo de ruptura do pensamento da mulher oprimida, sob um olhar de uma personagem narradora/protagonista, acreditamos contribuir para um novo pensamento sobre o papel da mulher no âmbito social.

1 A MULHER DO SÉCULO XX

As questões de gênero na sociedade surgiu desde tempos remotos de sua criação, e dentro dessas questões situam-se as representações do feminino, a qual teve origem quando os seres humanos começaram a entender os verdadeiros mistérios da vida e de sua condição na terra. Desde os primórdios, enraizaram as matrizes ideológicas em que definem a função feminina inferior a dos homens.

Nesse início de mundo ainda imaturo e primitivo, criou-se a representação da imagem feminina através de uma personagem bíblica, Eva, a esposa de Adão, forjada a partir de uma costela, um ser livre e belo, para auxiliar seu companheiro. Mas, pelo fato de levá-lo ao pecado, foi condenada a submissão, e toda sua descendência também. Nas palavras de Alves (2003): “Eva [...] levada à desobediência, não por um ato livre de vontade, mas por ter sido instigada, não foi execrada, mas condenada e com ela suas descendentes, a expiar o pecado maior da insubordinação” (p. 18).

Desse modo, propõe-se, a partir de Eva, o arquétipo da mulher na atual sociedade patriarcal, de incapaz de agir pelas próprias atitudes, por não conseguir distinguir entre o certo e errado, passando a ser considerada como desobediente e que precisava ser dominada por um poder masculino. Tal argumento se confirma na seguinte proposição: “[...] Eva propõem-se, assim, como arquétipo inconciliável da mulher nas sociedades patriarcais. Maleficamente sedutora, Eva foi inferiorizada e subjugada” (ALVES, 2003, p. 18). A divisão de funções entre os sexos é promovida desde esse tempo, delegava ao homem as atividades que envolvia desde o sustento até a defesa da sociedade, enquanto a mulher se direcionava ao papel de criação dos filhos e tudo que estivesse voltado para o ambiente doméstico.

A mulher passou por um processo de transformações em vários aspectos de sua vida, um impulso renovador que, aos poucos, trouxe à tona a posição de um sujeito independente por seus ideais. Não podemos esquecer os sofrimentos impostos entre os séculos XV e XVIII às mulheres, temos de reconhecer a realidade histórica, os abusos e incompreensão daqueles que não souberam valorizá-las e, por isso, fizeram-nas passar décadas recatadas e submissas.

A ideologia masculina estabelecia situações sociais para as mulheres, procurando definir uma posição nada igualitária, diminuindo seus valores, ao preservar uma estrutura familiar e doméstica composta de rigidez e não permitindo que elas pudessem expor seus pensamentos. Uma vez inserido este pensamento surgem os efeitos pelas procedências. Conforme Alves (2003, p. 20): “À mulher cabia a submissão, a obediência, o recato e a

ignorância. Qualquer forma de insubordinação a essas prerrogativas representava uma ofensa à moral vigente e poderia levar até mesmo, em casos extremos, às fogueiras da purificação”.

A autora anteriormente citada, pretende mostrar que a ignorância por parte da classe dominante permaneceu preservando heranças de geração em geração no cotidiano familiar. Esta ideologia designava a mulher como sendo uma pessoa frágil, sensível, feita para as branduras do lar e da maternidade e que, por isso, foi destinada, por natureza, para a vida doméstica, o cuidado do marido e dos filhos.

Assim, o ser feminino é visto com um olhar inferior. Ora, isso aconteceu justamente durante a divisão da hierarquia no trabalho e na divisão dos poderes dentro da família, ficou para a mulher um lugar considerando-se, em primeira instância, o lugar masculino, aquele que tinha toda autoridade e poder, para tanto, ficando para ela o lugar de subordinada e auxiliar do esposo, uma espécie de função complementar.

Com esta constituição, a sociedade foi marcada por padrões que influenciaram a configuração feminina, de um lado os grupos sociais conservadores procuravam manter seus privilégios adquiridos ao longo dos séculos, ainda que reformas tenham sido feitas, elas não foram suficientes para conter e aflorar essa rigidez.

Do outro, estavam elas totalmente caladas, sem liberdade de expressão, pois desde o princípio das coisas enraizaram nelas um protótipo, determinando que deveriam cuidar das atividades correspondentes a família: “Desde a cultura greco-romana, a condição feminina é representada como passiva e inferior, tomando como parâmetro o padrão anatômico, fisiológico masculino” (CONFORTIN, 2003, p. 107).

Dessa forma, a prioridade sempre estava sobre os interesses masculinos, a voz das mulheres estava ainda guardada, pois, em nossa sociedade, toda sexualidade que não se realizar com desígnio reprodutivo era considerado inadequado. Os ideais desta ideologia só arruinariam se sua força e consistência expusessem essas coisas, no entanto, preferiram silenciar todos esses ideais de posse masculina para não pôr um fim nessa realidade tão simbólica para as ideologias “consistentes”.

Pelo excerto anteriormente mencionado, entendemos que, para a sociedade, a mulher sempre necessitou da proteção do homem e, por este motivo, não tinha capacidade o suficiente para cuidar de seus próprios interesses; já ao homem, por apresentar-se fisicamente mais forte e com suporte de mais capacidade, ficou determinado uma hierarquia de superioridade, uma vez arraigado desde este surgimento da cultura greco-romana, passaram a tratar e, principalmente, a zelar por valores nada igualitários, porque as vantagens estavam sempre com os homens, que dispunham de direitos, e as mulheres precisavam cumprir

assiduamente suas “obrigações”, caso contrário não seriam vistas como dignas de respeito. Sobre essa questão, Sgarbieri (2003, p. 131) analisa que:

A mulher que desejasse ou necessitasse trabalhar via-se numa verdadeira encruzilhada, na medida em que teria de optar entre duas funções necessariamente excludentes: ser mãe ou trabalhar [...]. A mulher jovem e solteira era concedido trabalhar, como forma de dar continuidade à sua família, porém, ao se casar e ter filhos teria de dedicar-se exclusivamente aos afazeres domésticos.

Nesta situação, surge a reflexão: o que está sendo silenciado pela ideologia? São todos os direitos correspondentes às necessidades da mulher, pois prevaleciam apenas os pretextos pelos quais afirmavam que, em nossa sociedade, a ligação entre sexo e procriação é tão importante ao ponto de excluir socialmente a mulher da atividade de trabalhar, restando apenas a de procriar. Isto nos faz compreender o tamanho da complexidade para elas se evadirem de seu local destinado, enquanto crianças eram instruídas a se comportarem discretamente, obedientes e distantes de responsabilidades que cabiam apenas ao pai ou esposo.

Por esta questão, muitos pais até colocavam suas filhas em colégios internos, acreditavam na catequização rígida, conduzida por regras desconfortáveis, que preparavam completamente as jovens para o mundo do casamento ou para o mundo religioso, grande estima aplicavam para este ensino tão generalizado e sem fundamentos curriculares educacionais.

Nesta perspectiva, entendemos que entre os séculos XV e XVIII, existiam padrões objetivos, evidentemente marcados pelo espírito de domínio e com propostas de preceitos e valores morais punitivos. Enquanto que para os homens as regalias esbanjavam-se e o aprendizado patriarcal perpetuava durante muitas gerações ao ponto de podermos constatar que: “[...] Os homens em geral dispunham de infinitas regalias, enquanto que às mulheres tudo era proibido, desde que não se destinasse à procriação” (MORAES, 2003, p. 41).

Nossa sociedade determinava a procriação autêntica e judicial, aquela em que se realiza pelo vínculo do casamento, porque ela assegura, para a classe dominante, a expedição do capital aos sucessores. Assim, por exemplo, o adultério feminino é algo perigoso para o capital e para a difusão legal da riqueza e, por isso, caso ocorresse, tornava-se um “crime”.

No passado, então, a realização da mulher completava-se apenas com o casamento, a maternidade ou a vida consagrada na igreja. Em decorrência disso, atingia rapidamente todos

os objetivos de vida, deste modo, desconsiderava-se sua autêntica competência, seus desejos e encantos (CONFORTIN, 2003).

Porém, com o passar do tempo, algumas situações estavam mudando e muitas delas ainda aconteciam no século XIX. Apesar da posição ainda subjugada da mulher, surgiram publicações elaboradas pelas próprias mulheres que contribuíram para a expansão de muitas ideias que elas pretendiam tornar expostas em relação à capacidade feminina.

Sobre essa questão, a autora Teles (1993) comenta que surgiram as referidas publicações, que cooperaram para estimular e expandir os novos pensamentos e qualidade humanas das mulheres: “Em meados do século XIX surgiram no Brasil diversos jornais editados por mulheres, que, certamente, tiveram grande papel para estimular e disseminar as novas ideias a respeito das potencialidades femininas” (p. 33).

Destarte, o processo de centralização política levou a formação dos Estados modernos, que não ocorreu de forma brusca ou sem resistência da parte de grupos, pois eles não queriam perder seu poder local. Justamente por este motivo, a situação resultou, nesse tempo, na ampliação de certas práticas relacionadas aos comportamentos femininos, por exemplo, as atividades aqui já citadas, as domésticas e religiosas.

Um século mais tarde, independentemente das controvérsias, discordâncias e contestações, o feminino legou para a mudança, embora a realidade fosse investida e racionalmente estabelecida por concepções produzidas por pensamentos conservadores.

Nesta perspectiva, a partir de meados do século XX, grandes avanços tecnológicos repercutiram intensamente na produção econômica e no trabalho no mundo como um todo. As relações de trabalho e produção passam por alterações, a economia dá início a um processo de desenvolvimento industrial, expandiram uma série de ações, que visavam acumulação de riquezas e circulação de mercadorias produzidas pelas indústrias (TELES, 1999). Nesse crescimento urbano, as oportunidades de emprego surgem para as mulheres, possibilitando-as o início da emancipação no trabalho.

Neste sentido, Alves (2003) argumenta que somente através da emancipação no século XX é que a mulher hoje pode exercer diferentes papéis na sociedade, um contexto muito oposto ao passado, pois, em um longo período, a realidade estava voltada para um padrão estabelecido pelo patriarcado, o qual aplicava tarefas e funções específicas para o gênero feminino.

Assim sendo, o rápido processo de industrialização logo repercutiu em vários aspectos da vida social e, especialmente, da vida da mulher, já que crescia o número de operárias. O patriarcalismo começa a perder suas forças e paralisar no tempo, e a mulher, aos

poucos, é incluída no comércio como operárias de fábricas de tecido ou calçado, e em outras áreas, ocupando, inicialmente, cargos de professoras, tipográficas e também na área de enfermagem. Nas palavras de Moraes (2003, p. 41):

Começam a aumentar as ofertas de empregos nas indústrias e no comércio e chega a vez de a mulher da classe média trabalhar fora [...] cresce o número de trabalhadoras como as telefonistas, enfermeiras, professoras, empregadas do comércio, datilógrafas, funcionárias públicas, funções particularmente feministas.

Como já discutimos, cresce o número de mulheres trabalhando fora, um processo de modernização intensificado pela ação da República. Nesta nova esfera que nascia, grupos de feministas instauram sistematicamente uma luta cada vez maior, contra o tradicionalismo, considerado inadequado para o momento. De tal modo, passa a existir uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora com mais autenticidade, estabilidade no ambiente familiar, procurando ser vista sob um novo olhar e não apenas sob um modo de determinação.

É preciso ressaltar que essa evolução não estava nos planos da constituição do momento e foi considerada um grande problema. A condição para a emancipação feminina, neste contexto, era a exclusão por parte da sociedade, esta que ainda bebia da fonte original a qual se manifesta no comportamento social. Com isso, buscar emancipação, diante de tudo isso, é transgredir a ordem e tal transformação traz consigo a inevitável culpa no desenvolvimento industrial. A respeito, Alves (2003, p. 15) explica:

O problema da emancipação feminina só começou a ser clara e ostensivamente colocada a partir do século XX, quando motivos históricos, que aliaram causas políticas, desenvolvimento industrial, progresso científico e desenvolvimento dos meios de comunicação, arrancaram definitivamente as mulheres do reduto doméstico e de atividades adjacentes, inserindo-as voluntária ou involuntariamente no universo, até então, de domínio exclusivamente masculino.

Como citado acima, houve uma abertura para discussões, o processo de emancipação tornou-se uma questão a ser revista depois do avanço e especificamente no século XX, principalmente no que se referem à educação da mulher, porquanto muitas buscavam sua independência por meio do trabalho, pois: “A educação da mulher parece tornar-se uma questão neste momento, já que elas ingressavam no mercado de trabalho, tornando-se

profissionais, ocupando espaços antes reservados apenas aos homens” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 123).

Partindo destes acontecimentos, a nova relação entre homem e mulher é alterada, além de passar por uma profunda modificação nos modos de vida em consequência de uma inovação lógica econômica, política e cultural, mesmo aquelas parcelas ou grupos nativos que se enquadram numa nova ordem se viram em uma situação bem diferente daquela anterior ao final do século XIX.

As mulheres, ou grande parte delas, foram beneficiadas neste processo, se levarmos em consideração as mudanças que ocorreram ao longo de cinco séculos, do XV ao XX, os bônus foram variados: a consolidação de Estados nacionais, de grupos comerciais ligados quase sempre a produtos oriundos das colônias, de uma nova classe vinculada ao início e ao desenvolvimento da industrialização e de um sistema bancário, bem como por um sistema simbólico renovado, infere uma reflexão.

Em conformidade com essas perspectivas republicanas, algumas mulheres encararam esta pertinência como uma forma de reivindicar uma melhor formação intelectual, acreditavam que com essa formação poderiam obter créditos para falar em situações públicas, para organizar projetos voltados para os preceitos almejavéis por elas e com suas próprias iniciativas dariam abertura a um processo de luta pela igualdade. Conforme Albuquerque (2013, p. 90):

A República, em suas primeiras décadas, é também marcada pela emergência da participação política da mulher, não apenas daquela participação tradicional das mulheres, que se resumia aos bastidores das tramas políticas encetadas por seus maridos e parentes masculinos, quando não de seus amantes, mas uma participação pública, em que a própria mulher e sua situação social passam a ser a causa em nome da qual se luta.

Além do direito a uma participação na política, elas buscavam espaço no campo científico e nas manifestações culturais. Isso para o momento vivenciado representava, nas palavras de Albuquerque, uma “reação aguda”, para muitos difícil de aceitar, de encarar uma possível modernização, frente a um poder de domínio com pensamento não abrangente, mas fechado para transformações.

Nas palavras do mesmo autor:

[...] Elas queriam, assim, alargar o espaço político da República, torná-la concretamente mais feminina e igualitária. Diante da ação das mulheres, que

ameaçava concretizar aquelas fantasias de mulher ideal que cercaram a República em seus primórdios, nos discursos dos homens e positivistas, as reações se tornam bem mais agudas (2003, p. 90).

Ao longo dessas mudanças, o legado também não se restringe as riquezas materiais que estão na base da expansão capitalista, mas o grande impacto se deu mesmo no plano político e, por essa questão, a existência da formação política superior, entre homens defensores de um modelo praticado pelos seus compatriotas, estava em confronto com o legado feminino que alargava seus espaços. Neste aspecto, a forma mais visível das mulheres consolidarem a própria legitimidade era por meio do refinamento intelectual dentro da República.

Esta ocasião estudada é repleta de transformações importantes, especialmente no modo de olhar para a mulher e perceber as funções que existe na sociedade. “Na virada do século, o Brasil já apresentava face nova: a República se implantou, o trabalho se tornou assalariado, as cidades cresceram” (TELES, 1993, p. 41).

Com este novo modelo mencionado acima por Teles (1993), as fontes de riqueza e os processos históricos não só refletem, mas contribuem na construção inicial e final de novas concepções neste século em questão e, portanto, não é preciso mais a partir desta nova realidade que as mulheres estejam presas dentro de uma categoria dominante, mas que todos estejam vivendo a modernização. A partir de todo este processo,

[...] As mulheres aprenderam a criticar a simbologia tradicional, que lhes era atribuída, conferindo-lhe novos sentidos. E, se tanto a imagem quanto a linguagem produzem significados que estruturam as nossas identidades, foi cultivando novas atitudes com o seu próprio corpo e com o mundo exterior, assim como ocupando novos espaços e posições sociais, que as mulheres construíram novas imagens de si, começando a transformar o imaginário tradicional (PIRES, 2003, p. 209).

A citação faz-nos refletir que as mulheres ocuparam novos espaços, conquistaram direitos e construir outras formas de se lutar e posicionar, construíram novas imagens de si, estabeleceram uma luta em oposição à concepção patriarcal, ou seja, aos padrões estabelecidos pelo patriarcado, uma elite que não dava lugar para esse gênero tão capaz de exercer atributos coincidentes com os masculinos.

Mesmo com todas as implicações, a mulher demonstrou que possuía uma maturidade emocional muito forte, ao mesmo tempo com o próprio corpo exprimia seu pensamento

contra o modelo vigente determinado pelo tradicional desde, por exemplo, a Idade Média, quando ousaram colocar funções que cobriam e reprimiam os saberes femininos. Daí que a mulher, a partir das experiências, constrói seus planos possuidores de indignação contra esta ordem fálica, estas vozes nos propõem caminhos para a liberdade humana.

Mesmo com tal modernização, havia quem reivindicasse e contrariasse esse progresso: “[...] há a constatação, ainda que de forma lenta, por parte da mulher, de que é impossível conciliar harmoniosamente as duas faces antagônicas da mulher moderna: a emancipada (ou pelo estudo, ou pela profissão, ou pelo amor) e a aprisionada ‘rainha do lar’ (recomendada pela sociedade)” (MORAES, 2003, p. 42).

Tal constatação ocorre, por vezes, em situações nas quais prevalecem pensamentos arcaicos, talvez pela insatisfação com a carreira e a monotonia da vida. Por outro lado, estava a mulher moderna que acompanhou os anos de lutas, de buscas, no decorrer das diferentes épocas históricas e literárias que passam a seguir uma linha do tempo de maneira constante.

As mulheres evoluíram socialmente, intelectualmente e moralmente em relação ao homem. Os diferentes grupos, em sua diversidade, que constituem as mulheres, têm comprovado a intensidade da experiência delas terem sido julgadas negativamente pelo seu comportamento, ideias e intenções antes mesmos de abrirem a boca ou tomarem qualquer atitude. Têm elas insistido no quanto é alienante a experiência de fingir ser o que não é para ser reconhecido, de quão difícil pode ser a experiência de deixar-se assimilar por uma visão de mundo que pretende impor-se como superior e, por isso, universal e que as obriga a negarem a tradição de seu povo. Nessa direção, Moraes (2003, p. 142), enfatiza que:

Com sua emancipação ao longo do século XX, a mulher desempenha hoje a função decisória de consumo, não só de produtos para o lar como, também, é responsável pela aquisição de tipos de produtos cuja compra era predominantemente de responsabilidade masculina.

Com essa emancipação, a mulher pode mudar de posicionamento. Da condição de submissa e deusa, passa a ser vista como um ser capaz de suportar, liderar seja aonde for, na sua casa ou uma empresa; capaz de desafios complicados. Assim, o percurso realizado pela mulher na busca por um espaço no social no desenrolar histórico se distancia consideravelmente daquelas situadas nos primeiros séculos, apresentou-se cheio de obstáculos a serem vencidos. Elas sofreram muitos tipos de suspeitas: eram suspeitas de mentir, de atuar às escondidas, de serem infiéis, de exercer um domínio aguçado sobre os filhos. Foram e ainda são vítimas, obviamente, de ideologias machistas (RAIJ, 2003).

À medida que se libertou deste condicionamento, a mulher passou a tomar iniciativas, pois nenhuma mulher queria ter essas características que a citação descrita anteriormente, mas elas eram assim caracterizadas porque assim a sociedade colocava. As mulheres lutaram por uma difusão e concretização de uma cidadania ampliada, isto é, de direitos iguais para todos. O respeito à figura feminina constitui o ponto essencial desta nova concepção da vida em sociedade.

As mulheres procuravam mostrar que tinham competência não apenas para tomar conta do lar, mas para conquistar e construir novos valores sociais, morais e culturais. Essa etapa da história de lutas e conquistas femininas no decorrer de quase dois séculos, leva a humanidade a acreditar numa nova força de trabalho contra o machismo e as discriminações, assegurando o direito a cidadania e a igualdade entre os sexos (CONFORTIN, 2003).

Segundo Confortin (2003), a emancipação feminina deu-se dentro desses adventos históricos e compreendemos, nesta linha de estudo, que, conforme as pesquisas se multiplicam, o desejo em revelar e compreender o que as mulheres de antigamente pensavam e diziam a respeito delas caminham juntos. Para fazer emergir as dores e medos que tenham sido gerados, é preciso entender que o sucesso de uns tem preços da marginalização e desigualdades impostas a outras e, então, decidir qual sociedade se quer construir daqui pra frente.

Deste modo, o comportamento, a força e o trabalho da mulher constituem motivos para a sociedade entender que, depois de tantos anos lutando pela igualdade, elas estão alcançando um novo *status*, assumindo uma nova postura na sociedade e, conseqüentemente, no mercado de trabalho. Daí surgem às inúmeras possibilidades de se tornar o que realmente deseja ser, já que cada pessoa desenvolve sua personalidade de acordo com o perfil que acredita ser o seu, ser singular à sua pessoa: “O que sabemos é que ser homem e ser mulher pode se dar de muitas formas e que os diferentes modos de ser têm motivações muito mais sociais do que naturais” (CONFORTIN, 2003, p. 111).

Por esta afirmação, entendemos que existe uma coerção social que desenha um perfil de personalidade e comportamento, porém isso tem mudado, porque a própria sociedade tem mudado também. Os sucessos têm visado à reparação, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história das mulheres.

Inferimos ainda que o pensamento quanto ao papel da mulher passa a ser visto por outro ângulo, definitivamente era uma saída para a realidade que estava apenas começando, mas não havia indícios de terminar, por gerações se perpetuaria essas modificações sociais tão significantes.

Nesse contexto, na década de 1930, as relações entre os efeitos da crise e o desenvolvimento da arte e literatura do século passado, abrem as portas para desenvolvimento da arte e da literatura, torna-se uma expressão legítima da sensibilidade, portanto, a narrativa tornou-se um instrumento de denúncia dessa vivência, neste caso, da situação feminina. De acordo com Moraes (2003):

[...] Algumas mudanças ocorreram a partir das décadas de 30 e 40, em razão das transformações políticas, sociais ou culturais, embora o país mantenha governo totalitário e intransigente. Nesse contexto, começa a surgir uma nova mulher, que passa a contar com alguns aparelhos eletrodomésticos para facilitar sua vida, sobrando-lhe algum tempo para a informação pelo meio de comunicação da época: o rádio (p. 41).

Em vista disto, a mulher estava tendo auxílio da tecnologia e lhe “sobrava” tempo para tarefas que não eram obrigações, por isso elas começaram a alcançar novos espaços. A remuneração do trabalho exercido pelas mulheres era muito inferior ao dos homens, o que fez com que surgissem lutas femininas por melhores condições de trabalho, alguns movimentos reivindicando direitos trabalhistas, igualdade de jornadas de trabalho e direito ao voto.

Por tentarem impedir e expor suas concepções individuais, elas formaram movimentos feministas, grandes contribuintes para a grande emancipação do século. Segundo a autora Garboggini (2003), “O despertar feminino para certa liberdade, realização profissional e para o desenvolvimento intelectual foram provocados, em parte, pelos movimentos feministas e femininos do mundo ocidental” (p. 142).

As feministas não deixam de ser mulheres femininas e não é invejosa quanto ao poder masculino, são pessoas que lutam sem cessar pela igualdade social entre homens e mulheres, e não podem ser vistas apenas como radicais que contestam o machismo, mas quer que a tradição que opera como princípio construtivo seja reelaborado, deva ceder espaços para atuação das mulheres. Trata-se de mostrar como o gênero historicamente se reconstrói. (TELES, 2003).

Os movimentos feministas evidenciavam que a raiz de toda opressão feminina podia estar relacionada a família e a reprodução desta seria o motivo do atraso na conquista e liberdade plena da mulher. Deste modo, era muito complicado elas alcançarem sua independência financeira, enquanto estivessem ocupadas com as tarefas do lar, um acúmulo de atividades atrapalharia e impossibilitaria sua ascensão no mercado de trabalho.

Esses grupos contribuíram para que houvesse um desenvolvimento na mentalidade das mulheres e, com isso, temos um avanço na atualidade, de tanto buscarem, alcançaram um progresso e passaram a assumir vários papéis além dos domésticos: “A mulher desempenha, simultaneamente, vários papéis: ela é mãe, esposa, dona-de-casa, conselheira e, em muitos casos, a provedora do sustento familiar [...]” (TELES, 2003, p. 107).

Definitivamente podemos afirmar que o século XX foi o auge da mulher na sociedade, em que finalmente puderam ter seu espaço concedido em outros ambientes, seja no teatro, nos bailes, até na universidade: “O século XX foi das mulheres; nele elas ocuparam de forma definitiva os espaços nas ruas, no trabalho, nas escolas, nas universidades, na política”. (CONFORTIN, 2003, p. 118).

Com a amplitude das tarefas que puderam ser desempenhadas pela mulher e, conseqüentemente, dos seus horizontes fora de obrigações familiares, da mudança de concepção que refletiu na mudança de vida, de comportamento, as condutas encaminham a mulher a ser o que quer, independente do que já foi tido como padrão. Com a solidificação do sistema capitalista no século XX, próximo ao avanço da ampliação da tecnologia, e o intenso crescimento da maquinaria, muitas transformações ocorreram em relação aos afazeres femininos. Com o aumento da produção, as mulheres foram convocadas para substituir os trabalhadores do sexo masculino.

Assim, a realidade se tornou a noção de moderno com relação às concepções sociais e de vida, a demanda por reconhecimento, valorização e afirmação dos direitos requerem alterações em muitos aspectos: nos discursos, lógicas, gestos, posturas, modo de tratar as mulheres, exigindo também que se conheça a história e cultura e o poder de desconstruir o mito da ideologia machista na sociedade brasileira que, por falta de apoio, deram espaços para as desigualdades seculares criarem uma hierarquia com prejuízos para mulheres.

A reflexão sobre a educação das mulheres remete à análise das escolas, suas origens, seus programas e ver-se-á que houve, no decorrer dos tempos, um processo contraditório de educação feminina. A mesma instituição que tinha um projeto educativo fundamentalmente com o objetivo de formar mulheres dóceis, obedientes, religiosas, enfim, “moças bem comportadas” (CONFORTIN, 2003, p. 108).

A autora citada nos mostra que a educação era enraizada nos ensinamentos domésticos, excluindo a possibilidade das mulheres adquirirem conhecimentos sobre outro mundo, todo estudo voltava-se para fins de formação moral e não intelectual.

Apesar de tal prevalência durante séculos, contribuiu para que houvesse chance das mulheres irem à escola para adquirir novas experiências, além daqueles relacionadas à família. Puderam apreciar, por exemplo, a literatura, um recurso extraordinário para influência de uma nova representação feminina, com uma visão sobre quais são seus direitos e deveres, não somente com relação à liberdade de expressão, mas também à sociedade civil.

Tal afirmação pode ser confirmada com a seguinte menção: “A mulher passou a ser diferente quando começou a frequentar a escola [...] Até meados do século XIX nem sequer frequentar escolas a mulher podia. No Brasil, foi somente em 1871 que ela pôde começar a estudar para se tornar professora” (CONFORTIN, 2003, p. 114).

Isso é de suma importância para o contexto de evolução feminina, porque elas passam a buscar sua própria identidade, que obrigatoriamente sobrevém de um papel de incapacitada para capacitada, de discriminada para valorizada, enfim, uma transição positiva. A partir do início do século XX, as mulheres passam a ocupar vários espaços antes nunca permitidos, impulsionam uma inovação na visão social. Foram avanços até chegar ao atual milênio, o século XXI. Impulsionando de acordo com Confortin (2003):

A mulher neste início do século passa a ter o perfil de alguém em busca do prazer no trabalho criador, abraçando a conquista de construir-se a si própria. Por isso, no discurso que se faz sobre a mulher do terceiro milênio define-se, inicialmente, uma mulher que passa da condição de vítima para a de protagonista da sua própria história. Um dos grandes avanços humanos e sociais ocorridos na virada do milênio foi, sem dúvida, o início da passagem da mulher considerada vítima de preconceitos. Discriminação, exploração, submissão, desníveis sociais, para ser, ela mesma, a protagonista de sua ascensão e libertação (p. 119).

Com esse início de século, o lugar ocupado pela mulher passa por um positivo deslocamento, isso aconteceu processualmente na história, até chegar o século XXI neste patamar que ocupa hoje. O que elas desejavam era serem inseridas no mercado de trabalho, assumir funções diferentes das convencionais, até mesmo aquelas que eram de poder específico dos homens.

Mas a partir do momento que dão início a essa renovada fase, enfrenta desafios referentes aos salários, pois eram bem menores que a dos trabalhadores masculinos. Com isso, o movimento feminista começou a atuar constantemente na política pública, para realização de progressos desse gênero, mulheres na luta pela igualdade.

As mulheres eram e são persistentes intelectuais, elaboram seus projetos e de muitos modos conseguem argumentar que não só deviam como podiam sim exercer profissionalmente em áreas antes designadas como pertencentes ao masculino.

É diante disso que o movimento do feminismo é uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres. Essa opressão se manifesta tanto em nível das estruturas como das superestruturas (ideologia, cultura e política), assume formas diversas conforme as classes e camadas sociais, nos diferentes grupos étnicos e culturas (TELES 1993).

Elas não buscavam/buscavam se evadir do ambiente familiar, mas sim avançar, crescer, ter sua realização pessoal. Assim, ocorreram tais acontecimentos representativos na vida das mulheres, vista como uma revolução, pois tudo que modifica um padrão estabelecido é tido como revolucionário.

A crítica feminista do século engajou uma luta pelo poder, aproximando-se e reconhecendo que ser mulher é um dado natural, contudo na sociedade é um dado construído pelo discurso, pela linguagem do poder.

Embora saibamos que a luta das mulheres em busca de mudanças na sua posição social tenha provocado a mais significativa revolução cultural do século XX, a contradição existente entre a posição alcançada por elas na sociedade contemporânea e sua respectiva representação, faz-se presente em quase todas as áreas sociais como um reflexo das relações de gênero (PIRES, 2003, p. 202).

Pires (2003 nos faz-nos refletir sobre a desigualdade, no modo de tratamento do gênero. Muitos questionamentos são feitos em virtude desses acontecimentos, o que queremos compreender é porque existe tal diferenciação no modo de falar delas, de especificar como um “gênero”. Nas palavras desta mesma autora: “A condição da mulher é representada discursivamente, refletindo uma visão conservadora e discriminatória que engendra formas de silenciamento e exclusão” (p. 202).

Por muito tempo a vez e a voz eram do homem, enquanto elas estavam sempre silenciadas, representando, portanto, a perda, pela teoria política feminista, do único conceito ao que se refere especificamente à sujeição da mulher, e que singulariza a forma de direito político que todos os homens exercem pelo fato de serem homens. Nas palavras da mesma autora:

[...] As mulheres aprenderam a criticar a simbologia tradicional, que lhes era atribuída, conferindo-lhe novos sentidos. E, se tanto a imagem quanto a linguagem produzem significados que estruturam as nossas identidades, foi cultivando novas atitudes com o seu próprio corpo e com o mundo exterior, assim como ocupando novos espaços e posições sociais, que as mulheres construíram novas imagens de si, começando a transformar o imaginário tradicional (p. 209).

A mulher então teve/tem uma luta longa, combatendo de frente com tradicionalismo, conferindo novos sentidos quanto à imagem, quanto à linguagem, servindo para estruturar e formar as identidades, cultivando ao longo dessa jornada o mundo exterior e transformando o imaginário arquetípico do momento.

A constituição da figura feminina, definida pelos homens, estava inteiramente instituída sob preconceitos e ideologias. Daí ter sido importante almejar que as mulheres assumissem a palavra, se conferisse no espaço público, e pudessem, por fim, estabelecer as próprias representações.

Hoje, sabemos que houve escritoras, desde o passado, que desfizeram a rigidez do comportamento imposto às mulheres e, por fim, a consolidação ocorreu no século XX. “[...] A construção de imagens femininas na literatura tem sido um meio pelo qual valores culturais têm sido mantidos de geração em geração” (BELLINE, 2003, p. 96).

Este estudo vai justamente analisar questões descritas na citação, sobre a mulher na literatura, a literatura que mostra essa imagem no decorrer da sua transformação, sua condição feminina, seus conflitos que contribuíram para sua natureza questionadora, o desejo de ser livre e escolher seu próprio destino. Neste balanço de construção social a expectativa é que possamos também refletir sobre um processo de descoberta e sobre a finalidade da escrita como papel fundamental na vida da mulher para libertação do passado.

Pensando nisso, é que o capítulo seguinte visa discorrer sobre Rachel de Queiroz e algumas obras da escritora, a fim de compreendermos o universo ficcional da escritora como mulher dentro de uma produção escrita num século (discutido neste capítulo primeiro) de significativas mudanças e possibilidades para a vida feminina, além de conhecermos as temáticas de suas obras e seu estilo de escrita, para que, no capítulo terceiro, nos detenhamos a análise dos perfis femininos das personagens de *As três Marias*.

2 A LITERATURA DE RACHEL DE QUEIROZ

O Brasil testemunhou, na década de 1930, uma explosão do romance. Muitos escritores utilizaram a narrativa como meio para falar de uma realidade rodeada de problemas como a seca, a miséria e a desigualdade, principalmente na região Nordeste. Muitos romancistas foram revelados, marcados pela produção de uma literatura que envolveu fatores políticos e sociais. Além do mais, foi neste ano que se consolidou a manifestação da segunda fase do Modernismo. “[...] O romance de 30 se define mesmo a partir do modernismo e certamente não poderia ter tido a abrangência que teve sem as condições que o modernismo conquistou para o ambiente literário e intelectual do país (BUENO, 2015, p. 80)”. Os fatos mais constantes dessa época são problemas que envolvem uma classe social sofrida.

Conforme Bueno (2015), a literatura brasileira dessa década possibilitou, no âmbito das pesquisas, uma nova maneira de expressão intelectual, pois o sujeito expõe sua visão da realidade social por meio do texto ficcionista. Os escritores assumem uma responsabilidade de representar um povo através de sua escrita e, ao mesmo tempo, de corresponder às expectativas esperadas pelos leitores. É uma manifestação contra fatores exclusivos, como no caso das mulheres, que durante muito tempo foram excluídas da sociedade no que se refere ao direito de expressão do pensamento e da produção artística.

A maioria dos autores de 30 baseou-se no conhecimento que possuía da realidade nordestina para desenvolver enredos. Para Bueno (2015, p. 55), “A geração de autores que apareceram nos anos de 30 é ao mesmo tempo herdeira e legitimadora do movimento de 22, cuja grande contribuição foi abrir a porteira para o que se realizaria em seguida: os novos romances, os estudos sobre os problemas brasileiros”. Isto é, essa nova geração carrega heranças dos acontecimentos de 1922, desdobrados a partir da Semana de Arte Moderna, consolidando um espaço de liberdade de criação literária sem padrões estabelecidos.

O modernismo, como um movimento que renovava a intelectualidade do meio social, pretendia mudar as diversas revoluções políticas do brasileiro: “O modernismo não só existiu, mas viveu; o modernismo morreu; a herança literária modernista foi maior em espírito do que em obras; o modernismo preparou um renascimento literário pós-modernista” (BUENO, 2015, p. 49). Com esta ideia, entendemos que o modernismo, apesar da sua produção consolidada, seu espírito vai além das publicações, vemos seus reflexos no resultado das obras que foram publicadas no momento em que se fala de coisas novas, foi um verdadeiro passo para as gerações futuras escreverem sobre os problemas que atingem a sociedade em geral. Os

escritores José Lins do Rego e Graciliano Ramos são exemplos dessa produção consolidada, bem como Rachel de Queiroz.

Graciliano Ramos foi um escritor que marcou a literatura brasileira, pois em suas obras costumou descrever a vida do homem no sertão, dentre as quais se destacam *Vidas Secas* e *São Bernardo*, em que retrata as dificuldades vivenciadas pelo homem nordestino durante a seca e o coronelismo e políticas trabalhistas, respectivamente.

José Lins do Rego deu início ao reconhecido Ciclo da Cana-de-Açúcar através da obra: *Menino de Engenho*. Já na segunda fase, ele escreveu romances que tinham como principal temática a vida rural, tendo como as obras que fazem parte desse período: *Pureza e Pedra Bonita*, entre outras. Na construção de seus textos, falava da vida nordestina que teve, da experiência que adquiriu quando criança e escreve sobre a decadência do engenho com o surgimento das usinas, retratando essa realidade, com uma linguagem bastante regionalista.

Rachel de Queiroz estreia na literatura brasileira, durante a segunda fase do modernismo, com a obra *O Quinze* (1930), tratando das questões regionalistas e regendo os problemas de outro jeito, ao fazer uma indagação do destino humano e principalmente no que se refere ao perfil do sertanejo. Rachel de Queiroz se tornou admirada, ganhando um enorme público pelas temáticas que escrevia; “Mestra na crônica, a escritora cearense foi admirável [...] os veios principais de uma extensa e multifacetada obra que honra o Brasil e engrandece a literatura brasileira”. (CAMINHA, 2010, p. 06).

Para compreendermos melhor a participação de Rachel de Queiroz nesse meio político e literário é preciso saber um pouco de sua trajetória e, por isso, traremos algumas informações sobre sua vida, pois tais conhecimentos são de suma importância para explicitar peculiaridades, explicá-las ou justificá-las.

A autora Rachel de Queiroz nasceu no dia 17 de novembro de 1910, em Fortaleza - CE, filha de Dona Clotilde Franklin e do Dr. Daniel de Queiroz, homem magistrado e fazendeiro, que, segundo Caminha (2010, p. 06), “logo ensejam na primogênita o gosto pelos estudos e pelos livros: como a escritora lembraria mais tarde, a mãe, ao morrer, deixou uma valiosa biblioteca de quase cinco mil volumes, parte deles diretamente importada de Paris”.

A escritora recebeu muito influência dos pais na leitura, durante sua infância tinha em sua casa livros por toda parte, isso se tornou marcante na vida dela, por isso que o autor Caminha afirma acima que ela se lembrou do fato em que sua mãe deixou como herança uma biblioteca enorme.

Além do mais, outra experiência marcante foi a questão da devastadora seca que vivera quando criança, ouvindo relatos dos mais velhos, em que serviu para tornar as lembranças inesquecíveis, apesar de não ser algo bom.

Em 1915, a família, que há dois anos voltara a morarem Fortaleza, testemunha uma das maiores e mais devastadoras secas já havidas no Ceará (assim como outra, tão implacável quanto, em 1919), experiência que marcaria fundo o espírito e a memória da futura romancista. (CAMINHA, 2010, p. 07)

Segundo Caminha (2010), no ano de 1917, a família Queiroz muda-se para o Rio de Janeiro, depois para Belém do Pará, onde ficam durante dois anos, fase em que Dr. Daniel resolve voltar definitivamente para o Ceará, pensando em seu trabalho, aquele que envolve a terra, dono da Fazenda do Junco, localizado nos sertões de Quixadá. É a partir daí que aos, onze anos de idade, a menina Rachel, depois de alfabetizada pela família, é matriculada no Colégio Interno de Freiras, chamado Colégio da Imaculada Conceição, na época conhecido como de qualidade, e de nome reconhecido em Fortaleza, mantido pelas próprias irmãs de Caridade. Com apenas 15 anos de idade consegue concluir o curso, sendo que a maioria das meninas só diplomava aos 18 anos.

Ainda segundo o autor supracitado, no ano de 1926, nasce Maria Luíza, a irmã mais nova de Rachel, depois vêm os demais irmãos que são Roberto, Flávio e Luciano. Essa irmã, dezesseis anos mais jovem que ela, constrói mais tarde a autoria das memórias de *Tantos Anos* (1998).

É no ano de 1927 que o pai de Rachel, Dr. Daniel, compra um sítio que fica em Pici, localizada nos arredores de Fortaleza, onde a família passa a morar e Rachel começa sua trajetória como escritora:

Em 1927 [...]. Sob o pseudônimo Rita de Queluz (com que parece querer insinuar, aos leitores mais argutos, o verdadeiro nome), Rachel de Queiroz inicia-se na imprensa, como colaboradora do jornal *O Ceará*, em Fortaleza. Escreve, assim, as primeiras das milhares de crônicas que assinaria no correr de décadas para vários periódicos, como *O Jornal*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Última Hora*, *Jornal do Commercio* e a revista *O Cruzeiro* (todos no Rio de Janeiro) [...] Embora, segundo ela mesma, desobrigada de comparecer à redação, tinha orgulho em se dizer jornalista (CAMINHA, 2010, p. 09).

Caminha (2010) ressalta que entre os dezenove e os vinte anos de idade, preocupa aos pais com a possibilidade de que venha a adoecer de tuberculose, quando decide escrever um livro discorrendo sobre a seca, tudo a mãos, em cadernos da escola. Era a noite o momento em que dedicava-se e desenvolvia a obra, sob a luz de lamparinas e querosene. Desse modo, nasce *O Quinze* (1930), cujos primeiros leitores foram seus pais Dona Clotilde e Dr. Daniel, os quais pagaram na época dois contos de réis a uma gráfica de Fortaleza, para que fizessem a impressão de mil exemplares. Ela lançou-se como romancista, com essa publicação, entrando, portanto, no meio literário por própria atitude de expor o que a experiência lhe causou.

Em 1933, Rachel dá a luz a sua primeira filha, chamada de Clotilde, porém, esta morre com apenas um ano e meio de idade, uma perda que estremece a vida da autora, principalmente no casamento com José Auto,

No ano de 1935, o casal muda-se de Fortaleza para Maceió, onde, por uma venturosa coincidência, vivem (e convivem) os autores Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Aurélio Buarque de Hollanda e Jorge de Lima (CAMINHA, 2010).

Em 1940, após fazer um tempo de separada de José Auto, com 30 anos de idade, casa-se com o médico Oyama de Macedo, a união durou até a morte do marido, em 1982. Na companhia dele, viaja pela primeira vez à Europa, em 1950, como narra nas reminiscências do livro *Tantos Anos* (1998) (CAMINHA, 2010).

Rachel lia bastante as obras de Dostoiévski, traduzindo várias narrativas do russo para o português, inclusive os três volumes de *Os irmãos Karamazov* (1880). Também vieram dos russos as leituras socialistas que a influenciaram, além de leituras outras de autores como Jane Austen, Júlio Verne, Jack London, etc. Todos esses autores e alguns outros não citados aqui tiveram algumas de suas obras traduzidas para o português pela escritora. “A par da obra como ficcionista Rachel foi, também, uma incansável tradutora: são mais de 40 os volumes por ela trazidos para o português, a partir do inglês ou do francês (CAMINHA, 2010, p. 36)”.

Ela também teve várias obras traduzidas para outra língua, entre as quais destacam-se: *O Quinze*, traduzido para o alemão, o francês e o japonês; *João Miguel* (1932), para o francês; *As Três Marias* (1939) para o inglês e o alemão; *Dôra, Doralina* (1975), para o francês e o inglês; e também *Memorial de Maria Moura* (1992) para o francês. Ou seja, vemos que suas publicações se expandiram para outros cenários e, desse modo, seus textos foram apreciados por diversas visões em contextos distintos.

Definindo-se como jornalista, Rachel de Queiroz escreveu diversas crônicas para inúmeros jornais brasileiros até o fim de sua vida. Entre seus romances destacam-se; *O*

Quinze, João Miguel (1932), *Caminhos de Pedras* (1937), *As Três Marias* (1939), *Dôra Doralina* (1975) e *Memorial de Maria Moura* (1992). Outro fato formidável é que Rachel foi a primeira escritora a conquistar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, em 1977. Tal acontecimento se deu dois anos após a publicação do romance *Dôra Doralina* neste mesmo ano.

Caminha (2010) relata que Rachel também escreveu poemas, contos infantis e textos para teatros, destacando-se em todos estes âmbitos e áreas da literatura. No ano 1929, publica o poema *Iniciação*, resgatado pelo crítico e historiador literário Sânzio de Azevedo. Foi em 1953 que teve seu primeiro contato enquanto romancista com o cinema, compondo os diálogos do filme *Os Cangaceiros*, de Lima Barreto. Entre os anos de 1980 e 1981 a TV Globo apresentou, em uma série de 156 capítulos, a novela *As Três Marias*, baseada no romance de mesmo nome.

Segundo Caminha 2010: “Em 1957, a Academia Brasileira de Letras concede o Prêmio Machado de Assis a Rachel de Queiroz, pelo conjunto da obra [...] Em 1964, é a favor do golpe militar” (p. 29). O prêmio recebido e sua posição política declarada apontam para o espaço que Rachel, como mulher e profissional, conquistou na sociedade da primeira metade do século XX.

Ao longo de sua jornada, Rachel de Queiroz enfrentou uma série de desafios que só fortaleceram seu mundo intelectual, uma mulher capaz de lidar com momentos difíceis, como a prisão, participação na política, que até então não era comum para uma jovem mulher. Representou por onde passou uma classe feminina forte e não deixou de lutar por direitos de igualdade, através de sua capacidade intelectual e escrita moderna. Ela se envolve com a política, pois há muito tempo tinha vontade de participar, tornando-se uma militante do Partido Comunista, levando esse movimento para o Ceará.

No dia 4 de agosto de 1977, desfazem um tabu que existia há exatamente 80 anos na Academia Brasileira de Letras, com a eleição de Rachel de Queiroz para a cadeira nº5, anteriormente ocupada por Cândido Motta Filho. Fundada em 1897, a instituição afrontava insistentemente a aceitar mulheres na academia (CAMINHA, 2010).

Como Rachel estava filiada ao Partido Comunista, tentaram impedir a publicação da obra *João Miguel*, e isso trouxe para ela um novo olhar, fazendo-a desistir dessa ligação, pois o que pretendiam era evitar que o conteúdo dessa obra chegasse aos olhos da sociedade, acreditavam que com um julgamento seria definido o fim desse texto, tido como não ideal e composto de fatos revolucionários. Findou que

Por solicitação do Partido Comunista, a militante Rachel submetera o manuscrito ao julgamento de um comitê, que se manifesta contra a publicação da história em que um homem do povo aparece como assassino de um companheiro de luta. Durante reunião no cais do porto do Rio, a autora finge aceitar o veto, põe a mão nos originais e foge do local em surpreendente carreira, para nunca mais querer conversa com os comunistas... (CAMINHA, 2010, p. 13).

Rachel de Queiroz sai do partido por ter sua obra censurada, resultado de várias pesquisas. É por essa e inúmeras outras razões que foi fundadora de um estilo literário feminino que concede um papel de destaque na história do Brasil, criadora de personagens marcantes que envolviam as mais diversas áreas, como esta obra, que causou toda essa discussão, um trabalho constituído de fatos minuciosos e investigados.

Utilizando-se da literatura, a cearense compartilha várias vivências também enquanto participante do mundo político, buscando dar voz à classe feminina da sociedade. A sua ficção desempenha um papel ético, pois funciona como uma alternativa para que as vozes desconsideradas consigam romper com o preconceito existente e que ronda a classe influente regularizada por uma cultura injusta. Com a escrita sobre esses problemas, muitos dos sofrimentos, rejeições, traumas e histórias são revelados no meio intelectual do Brasil.

Após tratarmos sobre a vida de Rachel de Queiroz, e ressaltarmos alguns aspectos relacionados as suas obras, vamos abordar sobre as peculiaridades mais frequentes na escrita e discutir sobre o estilo e algumas temáticas recorrentes nos dias dessa autora, porém, veremos essas características posteriormente nas obras que serão aqui comentadas.

A escritora descreve em muitos textos sobre as angústias e dramas existenciais, torna exposta a sua visão sobre o papel da mulher, busca revelar até mesmo aspectos mais profundos e ocultos da existência. No Brasil, ela é uma grande influência para muitas autoras que vieram depois dela.

Os dramas do relacionamento amoroso e das aflições geradas pelas decepções também aparecem nas narrativas, contando com a cumplicidade do leitor para preencher alguns vazios que o narrador se recusa a explicar.

Muitas vezes, Rachel de Queiroz, para falar de mulheres, desenvolve um texto mais intimista associado a um olhar memorialista, que fala do quanto essas mulheres se tornam oprimidas pelas pressões do espaço. Sua escrita também teve destaque por conter problemas regionalistas e políticos.

Segundo Villaça (2010, p. 66): “A liberdade está no centro dessa criação, no romance, na crônica, na dramaturgia. Como substância de uma vida. A busca da liberdade”. O

desejo de Rachel era que as mulheres se pronunciassem, porque durante muito tempo ficaram caladas e muitas delas se sacrificaram para ver seus nomes valorizados, para representar uma classe vista como inferior.

Para entendermos melhor tais características, veremos a seguir algumas de suas publicações. A primeira obra a ser destacada é *O Quinze* (1930), escrita quando tinha entre os 19 e 20 anos de idade e, após ser publicado, esse livro ajudou a firmar a tradição dos romances que falavam do nordestino. Marcada por uma experiência difícil, no ano de 1915, escreveu sobre uma realidade social que atingiu toda região nordestina, a seca, mas foi o modo como compôs que chamou a atenção de todos, com um observar mais severo, que surpreendeu pelo estilo de escrita, despertando nos leitores a curiosidade sobre isso.

A obra surpreende e causa estranheza: Graciliano Ramos admitiria, mais tarde, que “Rachel de Queiroz” lhe parecera um pseudônimo – não de escritora, mas de homem, tal a dureza humana e a experiência de vida com que o romance impressiona o leitor. Havia quem dissesse no Ceará, que o verdadeiro autor do trabalho era Daniel de Queiroz, ou que teria sido ele, pelo menos, a figura incógnita a aperfeiçoar o texto da filha... O fato é que a literatura de Rachel não se mostra “feminina” – ante o modelo a que, para alguns, devem submeter-se as mulheres –, mas escrita por alguém que sabe fazê-lo, ao contar (e escrever) bem uma história. Já no primeiro livro, a cearense prova dominar os três elementos principais da ficção de longo curso: a composição dos personagens, o desenvolvimento da narrativa e o trabalho com o tempo (CAMINHA, 2010, p. 10).

Nesta obra, destacam-se dois aspectos relevantes: a estrutura e a linguagem. Para Caminha (2010), Rachel, a partir dessa obra, já mostrava o que queria ser ao citar a fala de Graciliano Ramos quando este aponta que ela desenvolveu *O Quinze* com uma “dureza”, parecendo até ter sido produzida por um homem, por isso surpreendeu a todos com a narrativa voltada para problemas sociais e do sertão.

O leitor se impressiona com a atenta realidade denunciadora. Colocada pela escritora com um teor forte, “sem pena”, a dureza, vivida por muitas famílias, os grandes obstáculos encarados e a maneira em que os mesmos superaram o acontecimento marcante para a época.

A narrativa é construída em dois momentos distintos: em um deles o leitor acompanha a trajetória de Conceição, a protagonista do livro, uma mulher educada, professora que gosta muito de ler livros considerados avançados para o seu tempo, personagem criada para mostrar a presença da mulher em uma sociedade dominada pelo machismo e organizada sob a moral do coronelismo.

No segundo momento há a jornada do vaqueiro Chico Bento e sua família, durante a fuga do sertão para a capital, uma tragédia marcada pelo sofrimento humano, evidenciado em muitas situações de tristeza. Dentre elas, é importante lembrarmos do enterro do filho que morreu por comer raiz de mandioca crua, ele era o filho mais novo do vaqueiro, não resiste à viagem para a capital e morre no caminho. A força desse romance está em tornar explícita com “dureza” a realidade brutal dos retirantes em épocas de seca no sertão.

Dando continuidade às abordagens sobre as obras, ela escreve e publica *João Miguel* (1932), diferenciada do estilo da citada anteriormente pela sua simplicidade: “É a mais simples das narrativas: um crime e uma absolvição. E entre eles uma traição de amor. Bêbado, o trabalhador João Miguel tira a vida de um pobre como ele. Na solidão do cárcere, não chega a compreender a tragédia que lhe desgraça a vida” (CAMINHA, 2010, p. 13).

Esta obra retrata um perfil de um homem que apesar de cometer um crime não se sente um assassino, através de que Rachel faz um aprofundamento analítico quanto ao fator psicológico. Vejamos um trecho para melhor exemplificar: “Quer dizer que a gente mata um homem, vira criminoso – criminoso! – e não fica diferente, sente a cabeça no mesmo lugar, fica com o mesmo coração?” (CAMINHA, 2010, p.13). A narrativa questiona fatores psicológicos quando se comete delitos e a forma como a sociedade encara tais cometimentos.

De acordo com Acioli (2003, p. 236), “Para escrever *João Miguel*, Rachel fez pesquisa de campo na cadeia do Pituí, em Baturité, onde se passa o livro, e na cadeia pública de Fortaleza. Além da pesquisa, há ainda muitas referências aos trâmites do Direito, provavelmente aprendidos com o pai”.

É no ano de 1937 que Rachel de Queiroz publica seu terceiro romance *Caminho de Pedras*, falando sobre as decepções que teve enquanto participante do Partido Comunista. Lá estão os registros de diversas situações que vivenciou durante o tempo em que esteve ligada ao partido, além de falar da morte da filha com a personagem Noemi, que é a principal do romance. Em linhas gerais, “O entrecho se desenvolve na provinciana Fortaleza de então, em que trabalhadores humildes e intelectuais da classe média lutam por organizar um partido de esquerda” (CAMINHA, 2010, p. 14).

Com visão aguda, o crítico Antônio Carlos Villaça observa a autora: “Rachel não nos traz um romance político, nem um romance panfletário. Longe disso. O que cresce, o que avulta aqui é o triângulo amoroso João Jaques-Noemi-Roberto, que acaba de fato superando o problema especificamente social ou o ideal coletivista”. (VILLAÇA *apud* CAMINHA, 2010, p. 14).

Ela era uma jovem militante e apresentava uma percepção ampla em muitos assuntos e principalmente no que se trata ser mulher num mundo guiado pelo poder do homem, registrando em sua obra um tom de crítica ao serviço público. É após a publicação do livro que a romancista acaba sendo presa no quartel do Corpo de Bombeiros de Fortaleza, “por deferência toda especial a uma ‘senhora de boa família’: os homens vão mesmo para a cadeia pública” (CAMINHA, 2010, p. 14). Este, entre outros aspectos, foi temática de sua obra. Para Rachel de Queiroz, o que bastava era expor e criticar ideologias subjugadas, marcadas por elementos primitivos que designavam um perfil para as mulheres acatarem.

Após passar por essas ocasiões na sua vida, incluindo sua primeira separação traz para a literatura a obra *As Três Marias* (1939), pautada em um ambiente religioso, ancorando a dramaticidade da vida de três jovens em meio a conflitos psicológicos, culturais e sociais. Contudo, esses não são os únicos aspectos que se enfatizam, mas há uma relação com o próprio contexto sociopolítico do Brasil, estabelecendo uma ligação com o momento vivido na década de 30, apresentando um diálogo com a vida da autora, como no fato de ela ter estudado no Colégio interno denominado “Imaculada Conceição”, o mesmo deste romance:

As Três Marias, que conquistou o Prêmio da Sociedade Felipe d’Oliveira. Embora não se dê nome à cidade, a ação transcorre em Fortaleza, e o colégio descrito no começo é o da Imaculada Conceição, onde estudou Rachel. Entre as paredes do internato, as amigas Maria Augusta, Maria da Glória e Maria José, às quais o título faz referência, partilham sonhos e mágoas, esperanças e frustrações. Não por acaso, a história é narrada na primeira pessoa por Maria Augusta, a Guta, personagem autobiográfica, que vive a experiência de aluna interna da autora (CAMINHA, 2010, p. 15).

A obra *As Três Marias* é a mais autobiográfica, a personagem Guta representa a própria Rachel, que relata uma experiência marcante num colégio de freiras, impulsionada/inspirada a escrever essa obra por meio da qual fez denúncia de problemas que aconteciam dentro do próprio ambiente da narrativa, o qual pregava exemplos a serem seguidos.

Como nos diz o autor supracitado, *As Três Marias* traz a história de três meninas chamadas Maria, são elas Maria Augusta, Maria José e Maria da Glória, que se conhecem em um colégio interno em Fortaleza, onde se tornam grandes amigas e compartilham muitos momentos entre si.

Esse romance discute de inúmeros valores morais, uma narrativa feita em primeira pessoa, com aspectos únicos que serão analisados e compreendidos no terceiro capítulo deste trabalho, dedicado à análise das personagens femininas já mencionadas.

Após trinta e seis anos, ela lança outro romance, *Dôra Doralina*, publicada em 1975. Esta apresenta diferentes estigmas em relação à obra anterior, pois se trata de um texto com um nível de maturidade mais elevado, bem como uma linguagem concisa, cujo cenário também é a região nordestina, no interior do Ceará, e está dividido em três partes: O livro de Senhora, O livro da Companhia e O livro do Comandante.

Nas três partes de que a obra se compõe – *O Livro de Senhora, o Livro da Companhia e o Livro do Comandante* –, que se articulam como em um tríptico, Maria das Dores (cujos apelidos familiares dão nome à obra) narra o casamento com Laurindo; a descoberta de que é traída pela própria mãe, que trata por Senhora; a viuvez; as aventuras na companhia de teatro que se apresenta em todo o Brasil... e a paixão pelo homem cujo navio corta as águas do São Francisco (CAMINHA, 2010, p. 31).

A protagonista da história é Dôra, órfã de pai ainda na infância, que vive na companhia de sua mãe, a quem todos chamam de Senhora; carrega consigo uma dor imensa pela indiferença que tem por parte da mãe, pois não recebe o mínimo de carinho, é tratada brutalmente e isso a faz se sentir deprimida, rejeitada e inferior. São descritos inúmeros fatos que assinalam a vida da personagem, como, por exemplo, o nome dela, Maria das Dores, ou seja, como se fosse aquela que carrega sempre dores contigo.

Com cenário também regionalista, *Memorial de Maria Moura* (1992), faz uma reconstituição da vida no interior nordestino no século XIX e ilustra o questionamento do papel da mulher na sociedade, expressando a indignação sobre a violência contra a figura feminina e as disputas de terras:

Cabelos curtos, vestida de homem (à semelhança da Diadorim de Rosa), a Moura de Rachel luta pela posse da terra, manda matar, ama, trai e tem ambição de poder: “Quero que ninguém diga alto o nome de Maria Moura sem guardar respeito. E que ninguém fale com Maria Moura – seja fazendeiro, doutor ou padre, sem ser de chapéu na mão”. É uma espécie de Lampião de saias, Anita Garibaldi dos sertões, Joana d’Arc da caatinga, cujo destino fica em aberto no fim do romance: à frente dos seus homens, (CAMINHA, 2010, p. 35).

Este romance, escrito em formato de memorial trouxe à tona determinados problemas existenciais, é uma profunda reflexão sobre uma memória notada pela violência, passando-nos uma mensagem sobre a necessidade de aprender com as lições que a vida nos impõe a cada dia e vencer cada uma delas com determinação. É por isso que: “Aos 82 anos de idade, surpreende a crítica e os leitores com uma admirável história de quase 500 páginas, que é não apenas o ponto final da carreira que a consagrou, mas uma verdadeira síntese da obra realizada em mais de seis décadas” (CAMINHA, 2010, p. 33-34).

Desta forma, como percebemos, a obra fala como o próprio título sugere, da vida desbravadora de Maria Moura, Rachel de Queiroz a produz visando um contexto histórico-social Nordestino, bem como elementos que marcam o psicológico dos personagens. Maria Moura é uma mulher determinada que decide usar as roupas masculinas, como uma forma de mostrar sua força e coragem diante dos conflitos.

O romance muitas vezes é uma representação do cotidiano da autora como temos visto em Rachel, e principalmente de um tempo vivenciado, nesta geração de 1930, isso se encontra bastante na produção dos romancistas masculinos, por exemplo, Graciliano Ramos, José Lins do Rego. Quanto a Rachel de Queiroz, ela faz também essa associação, mas se diferencia também por fazer uma análise psicológica dos personagens, todavia personagens femininas e seus devidos problemas que lembram situações criadas e analisadas pelo ângulo feminino.

Os personagens de uma história sejam de ficção ou real, expressam uma vivência social do autor, pois o conjunto de possibilidades colocadas durante a trama do enredo é resultado de um jogo de experiências acumuladas pelo escritor nas suas leituras. Daí ser importante destacar que a obra *Memorial de Maria Moura* apresenta uma peculiaridade pelo seguinte motivo:

Segundo a autora, a inspiração veio das façanhas de Elisabeth I, rainha da Inglaterra, e de uma tal Maria de Oliveira, que, em Pernambuco, na seca de 1602, fez-se chefe de um bando que assaltava fazendas. A ação do romance, informa, se passa em 1830-1840, o que lhe deu muito trabalho, pela rigorosa fidelidade à época quanto à linguagem (fruto de pesquisa a que Antonio Houaiss chama “arqueologia verbal”) e às referências a utensílios e objetos. (CAMINHA, 2010, p. 35).

É sempre necessário sabermos informações como essa citada acima, para podermos, a partir desses emblemas, imaginar as apreensões que as mulheres passaram diante da

opressão, dependentes dos outros para fazer solicitações, negociar ou lutar por seus bens e de seus filhos.

O autor Villaça apresenta sinteticamente as produções literárias para exemplificar sua fala em que vê em Rachel o tema do destino que o humano tem ao longo de sua vida, assim sendo, cada obra tem suas especificidades, desde *O Quinze* (1930) até *As Três Marias* (1939):

O grande tema do destino humano e da obra literária de Rachel de Queiroz é a liberdade humana. Em *O Quinze*, é a luta do homem com a natureza exterior, física. É o drama da sujeição à seca. Em *João Miguel*, é o drama da prisão. Em *Caminho de Pedras*, é a sujeição ao partido. Em *As Três Marias*, é a sujeição ao internato. Sempre o drama da liberdade. Sempre o homem em face do destino. Assim, em *O Galo de Ouro*. E supremamente assim em *Dôra, Doralina*. Em 1975, 36 anos depois de *As Três Marias*, de 1939, Rachel voltava ao romance com esta obra de plenitude, de maturidade, que é *Dôra, Doralina*, o ponto culminante de sua obra de escritora (VILLAÇA, 2010, p. 66).

O autor supracitado resumiu praticamente os principais romances de Rachel de Queiroz, mostrando características específicas e que comprovam o verdadeiro intuito do Modernismo de 30, que surgiu como uma saída para analisar e denunciar realidades sociais.

A inovação trazida pela escritora para a literatura não trata apenas da região de onde veio, mas a temática principal é o questionamento do papel das mulheres, apesar de publicar textos que tratem da problemática feminina, ela nunca se considerou feminista enquanto militante, apenas revela um perfil novo, através de narrativas com personagens protagonistas corajosas em meio a um mundo patriarcal. Ela procura sempre marcar em seu texto aspectos concernentes à região em que aborda a ficção e, desse modo, o leitor fica mais situado e descobre o momento histórico que está sendo abordado, compreende que são fatores típicos de um local e de um povo.

É pensando nesses diversos caminhos traçados nos romances dessa escritora, no mundo literário, especialmente no que se refere à figura feminina e o processo de independência da mulher no aspecto social, que buscaremos no capítulo seguinte analisar a narrativa *As Três Marias*, para descrevermos e traçarmos os perfis das três figuras femininas desta obra, considerando seus contextos sociais. Vamos à análise.

3 OS PERFIS FEMININOS EM AS TRÊS MARIAS

3.1 Conhecendo o universo das Marias

A obra *As três Marias*, de Rachel de Queiroz, foi publicada em 1939. Este romance narra a história de três jovens mulheres que se chamam “Maria”: Maria Augusta (Guta), Maria José e Maria da Glória. O enredo acontece dentro de um colégio de freiras em Fortaleza, durante oito anos, narrando a trajetória de Maria Augusta dos 12 anos de idade até os 18, dentro do convento e depois como se deram os acontecimentos após essa fase.

Já quando se trata da própria autora, Rachel de Queiroz, podemos associar a obra e sua vida real, já que vivenciou uma realidade como a abordada no texto, quando passou, ainda criança, um tempo em um colégio interno de freira, de mesmo nome do da obra em questão. É por esse motivo que esse romance é considerado o mais autobiográfico da autora.

Maria Augusta, a Guta, é a personagem/narradora que evidencia uma problemática, enquanto mulher, do que é ser guiada por uma sociedade elitizada, que busca apenas seus próprios interesses e não dá espaço para a figura feminina expressar seus pensamentos e escolher seus caminhos.

Maria José é uma personagem que demonstra apego a religião, uma jovem com história de vida marcada por problemas familiares. Sua mãe uma mulher sofrida, vida simples, dedicada ao lar. Seu pai abandonou a família por uma mulher mais jovem e não se importa com a criação dos filhos. Assim, ela acabou se apegando a fé como saída para sua paz interior.

Maria da Glória é uma personagem que carrega consigo uma dor, após a perda dos pais, o luto faz parte do seu cotidiano e durante anos passa seus dias relembrando os momentos de tristeza.

Embora sejam fatos repletos de pormenores e sutilezas, percebemos que um dos objetivos é transpor para o plano da ficção um conjunto de seres humanos com características diversificadas, mostrando defeitos, qualidades, sentimentos e situações, além de distintas tentativas de fuga da realidade.

A narradora busca, ao longo do texto, perceber as contradições que envolvem a vida de uma mulher, trazendo fatores que comprovam a condição social a que eram submetidas, contados todos em episódios, os quais ocorrem entre dois mundos: um determinado e um sonhado, uma constante indagação sobre que caminho escolher. Em certos momentos, são

referidos fatos passados que se relacionam com a vida das personagens no presente, aspectos familiares que contribuem para a construção do perfil e as opções que cada uma fará durante o desenvolver da história.

Outro aspecto é a questão da influência da religião na vida dessas jovens, levadas muitas vezes a seguir uma disciplina imposta, devendo cumprir com atividades extremamente exigentes, no entanto, existem alguns comportamentos que são contrários aos ensinados dentro do convento, ocorrendo como meio para desmascarar a sociedade. Assim, é importante percebermos como se dá tais práticas e de que modo elas constituem essas doutrinas.

Cada uma das três Marias atinge um nível de maturidade, porém aprenderão com os desafios como caminhar e o que buscar, embora sejam formadas no mesmo ambiente, tenham o mesmo ensino, pois se deparam com situações distintas e estas constituirão determinantes de cada personalidade, por isso é importante conhecermos quem são essas jovens do romance, quais são as semelhanças e diferenças entre elas, que momentos marcantes compartilham, sejam de alegria, de tristeza, angústia, dúvidas e anseios.

Ao longo da análise iremos nos deparar com muitos questionamentos feitos pela narradora, o texto tem caráter de diário, por isso parece saber um pouco sobre o que se passa no psicológico das outras meninas, demonstrando prever os desejos e sonhos delas.

O texto possibilita uma conversa com as mulheres, principalmente aquelas que, assim como Rachel, procuravam uma independência e isso está explícito através da narradora/personagem, Guta, ao escrever tais experiências, haja vista que faz uma revelação da sociedade injusta que impedia a mulher de ter voz.

As garotas eram destinadas à tarefa principal fundamentada no ideário do lugar da mulher na sociedade: aprender a serem prendadas. Não tinham o direito de participar de outras formas simbólicas que fazem parte do ambiente masculino, como o trabalho, negado por uma estrutura social fundamentada na religião e na figura do homem como centro.

Na narrativa, a sociedade da época é concebida como uma coletividade vilã, propensa ao arrivismo social e as atitudes cobiçosas, seus integrantes são seres inabitados, com vidas vazias, expostas em circunstâncias intercaladas de porções de humor, deboche e sátira. Sendo componente de uma sociedade notada pela hipocrisia e pela inconsequência. As figuras dramáticas expostas têm posturas em que a conduta conjetura o que vivenciam.

Guta nos conta sobre personagens que simbolizam as características negativas da classe média, tais como a insatisfação e o egoísmo etc. As situações em que o mundo interior das personagens é desvendado, a partir da descoberta do que as completam, os mistérios que as cercam em relação ao homem e seus relacionamentos, são descritas em suas atitudes.

É através da obra *As Três Marias* que Rachel de Queiroz apresenta o estereótipo imputado à mulher daquele período. A religiosidade é bem proeminente, já que as amigas viviam num convento de freiras.

É no convento que a personagem Maria Augusta conhece as amigas Maria José e Maria da Glória e forma uma amizade visível a todos, com isso, surge o título da obra que é escrito em formato de diário: “Foi a irmã Germana, a nossa mestra, quem sugeriu o apelido, chamando-nos pela primeira vez “as três Marias”. São as inseparáveis! Já notaram, meninas? Essas três vivem juntas, conversando, vadiando, afastadas de todas. São as três Marias!” (QUEIROZ, 2014, p. 36).

Encantadas com o apelido que receberam, como o mistério da transcendência, os conflitos entre os desejos da alma e os do corpo, elas passam a se designar como as inseparáveis, compreenderam que, ao não ser permitido nenhuma intervenção durante as aulas, nem nas tarefas atribuídas, já que são sempre condizentes com as especificidades do Colégio, elas seriam diferentes das outras garotas. Diferentes em relação ao comportamento das demais alunas, passaram ao ser vistas pela “Irmã Germana” como aquelas que não estudam, mas “vadiam”, e isso em vez de deixá-las tristes, tornou-se como um elogio, motivo para mais união.

Perante esta contextualização, nossa análise busca responder a seguinte questão: Que perfis femininos são traçados na obra *As três Marias* de Rachel de Queiroz? Para responder a essa questão, alguns pontos relevantes precisam ser considerados, como a identificação de como se apresenta o ambiente (convento) no enredo do romance, tido como um processo de condução; o conhecimento de como a religião molda o comportamento é responsável pela construção da personagem e a verificação sobre o fim do percurso dessas mulheres com um ato ou não de liberdade diante da condição a que são submetidas as personagens. São com essas indagações que desenvolveremos nossa análise e descobriremos quem são estas três Marias.

A obra traz a personagem Maria Augusta como uma jovem órfã de mãe, criada pelo pai e pela madrasta, que escolheu enviá-la a um orfanato, onde a protagonista conhece as outras meninas. A partir da visão desta jovem, personagem-narradora, nos é contada a história através da qual conhecemos as outras duas Marias, Maria da Glória e Maria José, personagens analisadas a seguir.

3.2 Maria Augusta: entre o mundo sonhado e o mundo determinado

Maria Augusta, Guta, como é chamada na história, é a narradora-personagem da história, que realiza, através de sua vida, um relato sobre o papel da mulher no âmbito social, até que ponto ela “deve” se conformar com o que lhes impõem e como negar uma identidade dita como ideal feminino naquela época.

Guta nos relata que quando chegou ao convento tinha apenas doze anos de idade, uma menina órfã de mãe, que morava com o pai e a madrasta. Teve sua vida determinada a partir do momento que a deixaram lá, lugar bastante comum para as crianças que ficavam órfãs (no caso dela, ainda tinha o pai, mas isso não a impediu de ser levada a esse destino). Esse passado está sempre presente na vida dessa garota: a lembrança da adolescência trancada num convento, longe do mundo “lá fora” e abstida dos conhecimentos e experiências que acumularia nesta fase.

A narradora descreve, no primeiro capítulo, como é a estrutura interna do Colégio e, posteriormente, o momento em que conheceu as outras Marias, que se tornariam suas companheiras inseparáveis.

Sua chegada foi bastante constrangedora, pois quando ela começou a perceber que naquele ambiente não havia possibilidade de viver uma infância sonhada, pois tudo era guiado por regras, seja para comer, tomar banho, dormir, acordar, rezar, brincar, ou seja, uma vida de disciplina e muitos limites.

Ao entrar, percebe que na parede existe uma imagem de uma santa em destaque e isso causa questionamentos interiores, sobre que representação aquela imagem teria. Para tanto, observa cada detalhe, desde a roupa até as expressões marcantes do olhar, que segundo ela é de um semblante “triste”:

Na parede caiada se desenhava, enorme, o emblema azul da Virgem Maria. Ao centro do pátio ficava o caramanchão cheiroso do jasmineiro e dentro dele, no fresco e no sombrio do verde, a imagem de uma moça de vestido branco e pés nus — uma Nossa Senhora bonita e triste. (idem, 2014, p. 11).

Percebemos com essa descrição que há uma apresentação do espaço onde acontecem os fatos. No primeiro encontro com o ambiente começa o processo de transformação, implicando escolhas e experiências que vão se constituir em fundamentos para sua personalidade.

A narrativa é caracterizada por uma atenta observação do cotidiano e por uma análise do comportamento e das motivações das personagens. “Em redor do pátio as classes vazias, mudas, fechadas.” (QUEIROZ, 2014, p. 11). Isso significa que há uma cuidadosa observação física do local, que implicará uma reflexão do que iria enfrentar dentro daquelas silenciosas salas. O trecho é exemplar para entendermos a consciência do problema que iniciava com o novo estilo de vida.

Quando Maria Augusta vai para o Colégio, um dos primeiros sentimentos que nela desperta é o medo por entender ser aquele um lugar onde não havia liberdade para nada, nem sequer para aprender coisas da infância/adolescência que se tinha direito. Por ser uma instituição de ensino religioso, os modos aplicados aos comportamentos e disciplinas são diferenciados daqueles vivenciado no lar com a família.

Como toda novata, ela é recebida com olhares indiscretos das veteranas, sente-se sozinha, sem lar e sem o amor materno de que tanto necessitava: “Pelas varandas imensas espalhavam-se às centenas meninas de todos os tamanhos, com todas as caras deste mundo, vestidas de azul-marinho. Um grupo delas acercou-se de nós, sorridente, curioso. A mim me pareceram logo malvadas, escarminhas, hostis” (idem, 2014, p. 12). Podemos notar como o desconhecido lhe causava medo, de como as outras meninas representam “maldade” por causa dos olhares indiscretos, fazendo-a se sentir inferior diante dessa novidade em sua vida.

Através desse fato, vem uma reflexão sobre por que os homens ainda abandonam os filhos quando um relacionamento chega ao fim, pois Guta tinha tido uma experiência com a perda da mãe muito cedo, sentindo-se insegura, sem estabilidade e refúgio para as emoções desgastantes do mundo feminino. Ela precisava de um pai que a sustentasse, orientasse, amasse e compartilhasse o cotidiano e suas contradições. No entanto, sente desprezo em vez do aconchego que tanto necessitava e, por isso, precisaria de alguém para lhe aconselhar, responder suas perguntas, ajudá-la a caminhar, a resolver problemas que toda adolescente encara. Esta fase da vida estava sem esse amparo.

Não demorou a fazer amizades, logo tem seu primeiro contato com outras meninas e as novas amizades seriam fundamentais para auxiliá-la nos questionamentos compulsivos de sua vida. Este momento anuncia a próxima etapa: um novo sentido, só depois de conhecer alguém com quem poderá compartilhar seus sentimentos, soube que, por mais difícil que fosse estar ali trancada, distante da família, essa relação seria essencial para o que buscava.

No momento seguinte, ela conhece as outras duas Marias, relação esta que irá modificar seu cotidiano no convento, já que existe uma procura de Guta por completude no relacionamento com o outro, entregando-se à aproximação das novas amigas: “Maria José, a

minha amiga, apossava-se de mim, demandando o fim da varanda, lá longe [...] apresentou-me então à sua amiga Glória”. (idem, 2014, p. 15).

Esta amizade vai permitir à narradora descobrir que a felicidade de cada pessoa está naquilo que a preenche de algum jeito, mas que o estado de fascínio não continuará para sempre, porquanto todas as outras emoções, não tão boas quanto esta, também servirão para a constituição enquanto ser humano.

Assim, inicia-se uma trajetória, afloram-se suas fantasias sobre o mundo externo, as ansiedades, os desapontamentos da vida e a angústia da inexperiência. Apesar de agora ter com quem compartilhar seu dia a dia, isso não impediu que o vazio apertasse seu coração à noite:

Na cama — tudo calado — longe de Glória, de Maria José, entre duas estranhas mais estranhas, minha tristeza afinal explodiu, e chorei, chorei até esgotar todos os soluços, todas as lágrimas, chorei até dormir, exausta, desarvorada, rolando a cabeça dolorida, sem repouso, no travesseiro quente e duro. (idem, 2014, p. 17).

Com essa passagem, entendemos a situação dela de choro e dor pelo tamanho do desengano que o colégio disciplinado apresentava à sua vida e a confirmação de que ela estava lá por não ter escolha, isso foi imputado a ela. Sua exaustão não era apenas de choro, mas de dor, de decepção, de consciência da vida que levaria e impossibilidade de escolha perante a situação.

Além de ser a personagem principal da narrativa, o espaço em que ela transcorre influencia e modifica comportamentos não só individuais, mas da coletividade, da vida das três Marias. Ao longo do romance, é desenhado um grande painel opressivo representado pelo convento, sendo a denúncia crua de um universo sufocado pelo meio. As meninas sem alternativas e/ou levadas pela existência miserável tendem a ser um reflexo do cenário descrito:

De um lado vivíamos nós, as pensionistas, ruidosas, senhoras da casa, estudando com doutores de fora, tocando piano, vestindo uniformes de seda e flanela branca. Ao centro, era o “lado das Irmãs”, grandes salas claras e mudas onde não entrávamos nunca [...] lá estavam as casas do Orfanato, onde meninas silenciosas, vestidas de xadrez humilde, aprendia a trabalhar, a coser, a tecer as rendas dos enxovais de noiva que nós vestiríamos mais tarde [...] uma proibição tradicional, baseada em não sei que remotas e complexas razões, nos separava delas (idem, 2014, p. 25).

A passagem acima, entre tantas, denuncia a cobrança de uma sociedade patriarcal, havendo distinção no trato com as garotas, das atividades propostas, até o modo de se vestir e o que aprender. Trata-se de um local que exigia o cumprimento de doutrinas, influenciando nas condutas para preservar os dogmas religiosos. Consequentemente, comprova que a construção de uma vida autônoma para as mulheres, naquela época, encontrava sérios obstáculos para o gênero feminino, à medida que é direcionado para suportar o sucesso da ideologia patriarcal recheada pela submissão de mulheres.

Notamos que ela é uma personagem angustiada, cujas condutas estão condicionadas por ideias que focaliza os pensamentos e as ações próprias de indivíduos que apresentam constrangimento diante de determinados comportamentos. A personagem sempre está retomando os dois níveis em que o ser humano opera: o interior correspondente a sua essência, e o exterior, a aparência.

Seriam lícitos a uma freira aqueles atributos de mulher? Então a uma Irmã era permitido ter busto, ter corpo, ter outra beleza senão a das mãos e do rosto, ser formosa como uma moça qualquer? Ser bonita, por exemplo, como uma linda irmã daquela aluna síria que nos visitara outro dia e tinha uma plástica tão atrevida, ou, pelo menos, ter formas como já às tinham as grandes do Colégio? (idem, 2014, p. 31).

Todos esses questionamentos realizados nos fazem pensar na ideia de dogma religioso que prega a discrição, a pureza feminina, a passividade, sendo que os atributos físicos podem nem sempre contribuir para isso, porque competem à beleza física e esta beleza não é valorizada num instituto religioso, no qual a verdadeira beleza está no comportamento regrado e obediente ao sistema de ideologia predominantemente masculina.

A investigação psicológica das personagens, o desenvolvimento da história e a atmosfera criada são tão importantes quanto a trama e seu desfecho. “Como, debaixo daquele hábito, poderia viver outra coisa senão a noção dura da disciplina, as orações, a história sagrada e os problemas de aritmética?” (idem, 2014, p. 32). Dotada de notável senso crítico, a narradora se utiliza da ironia e do sarcasmo para revelar a futilidade, a vaidade, a inveja e a ambição dos indivíduos que só visam seus próprios interesses pessoais.

A desmistificação dessa ruptura que existe entre a percepção íntima e a exteriorização imposta pela vida em sociedade é o objetivo maior da narradora, ou seja, desnudar sua psique e revelar seus segredos, deixando vir à tona todos os impulsos inconsistentes e todas as mazelas morais peculiares da burguesia da qual faz parte.

Ao não encontrar condições de transformações naquele lugar, envereda pelos caminhos das leituras literárias para adolescente.

Nesta nova fase comecei a ler como adolescente. [...] Os livros que falassem de amor, os eternos e róseos romancinhos franceses, em que homens cheios de espírito e de tédio, cansados das sereias e dos paradoxos, se apaixonam pelas ingênuas de dezesseis anos” (idem, 2014, p. 33).

Ao falar sobre literatura, ela demonstra que as leituras literárias são sempre selecionadas para comungar com os valores comportamentais e religiosos da escola. Ou seja, mesmo os momentos de distração e prazer, como a leitura, são voltadas à constituição de jovens senhoras prendadas.

E é por isso mesmo que ela optou por ler romances que falassem de amor, uma fuga das regras de estudo ditada pelo convento. Percebemos inovação, mesmo sem liberdade, pois encontra o ponto de equilíbrio para construção de sua identidade dentro daquele lugar.

Para a sociedade, a imagem construída da mulher é a de total incapacitada de cuidar de sua própria vida, como uma donzela que não sabe fazer nada, é romântica e sonha com o casamento, no entanto tal atribuição não se condiz com o perfil desta personagem até o momento, Guta era consciente (como mostra a citação anterior) que a cultura patriarcal lhe estava sendo empurrada e ela entendia, mas não queria isso.

A protagonista já possuía consigo influências da literatura, que adquirira antes de ir pra esse convento. “Até essa época eu já lia, naturalmente, mas lia como criança, pelo prazer das aventuras heroicas, pela sugestão do maravilhoso: Gulliver, Robinson, o Capitão Nemo” (idem, 2014, p. 33). O sentido que Guta revela é o mesmo que a fascina, a possibilidade de continuar nessas leituras como atividade livre e prazerosa, não como obrigação e aprendizado de tarefas e condutas.

Contudo, durante a leitura literária do romance, se tornou o fio condutor compreender a trajetória de Guta e suas companheiras. Ela demonstra identificar aspectos que condizem com a personalidade das amigas, visto que, pela convivência que teve, passou a conhecer melhor um pouco sobre as características que determinavam seus perfis. Vejamos a passagem abaixo:

À noite ficávamos no pátio olhando as nossas estrelas, identificando-nos com elas. Glória era a primeira, rutilante e próxima. Maria José escolheu a da outra ponta, pequenina e tremente. E a mim coube a do meio, a melhor delas, talvez; uma estrela serena de luz azulada, que seria decerto algum

tranquilo sol aquecendo mundos distantes, mundos felizes, que eu só imaginava noturnos e lunares (idem, 2014, p. 37).

A protagonista relembra e reconstrói suas memórias anteriores como quem procura reviver os prazeres dos sentidos e a aventura do coração, realizando um balanço dos eventos, mostrando uma perspectiva pessoal e íntima dos acontecimentos. O exposto privilegia a concisão e a precisão, evitando extrapolações e divagações, o comportamento pessoal e emocional das personagens em presença das situações que, de algum modo, completam as garotas e Guta mostra ser consciente disso.

Em meio à insegurança, medo, angústia, tristeza, as internas se apegam aos santos e as promessas, é o que podemos observar na seguinte situação, quando estão as vésperas dos exames escolares:

Cada menina se agarrava aos cadernos, levava os dias passeando pelo recreio, lendo em voz alta e rezando alternadamente, fazendo as mais delirantes promessas: passar um mês e um dia dormindo sem travesseiro, duas semanas sem comer rapadura, rezar vinte e oito terços à almas do Purgatório, ou a São José Cupertino, protetor dos estudantes (idem, 2014, p. 42).

Na obra, a religiosidade figura-se como um aspecto importante na construção da história de vida das personagens. Num cenário marcado pelo sagrado, observamos a rigidez, a pressão que sentiam ao se depararem com desafios. Ao mesmo tempo em que a narradora descreve, também constrói juízos de valores e denuncia os desequilíbrios existentes, induzindo o leitor a refletir sobre as condições vividas pelas adolescentes dentro da realidade dogmática.

Na verdade, Guta percebe a diferença básica da esfera da vida e da esfera social, compreende que enquanto a primeira é regida por um domínio que determina como será sua vida, a segunda direciona como ela deve buscar no social aquilo que a representa.

Guta descreve uma cena marcante para ela e suas amigas, ao ver, por acaso, a rua que circunda o colégio interno, quando fica vislumbrada com a possibilidade de viver lá fora pelo menos um dia. Para ela falar desta tão magnífica vista, precisa se afastar do que a religião a imputa para ter acesso, ainda que rapidamente, a verdadeira realidade sonhada que existe lá fora. Neste seguinte, Maria Augusta fascina-se com a visão da cidade, do alto da torre de uma capela no colégio:

A cidade, assim de repente, vista de uma vez e surpreendida de brusco, deu-me um choque no coração, comoveu-me tanto que as mãos me começaram a tremer e meus olhos se encheram de água. Estava ali o mundo, o povo, a vida de fora, tudo o que era interdito à minha vida de reclusa. Sentia medo e alegria, numa emoção violenta, como quem rouba e se apossa de qualquer coisa sonhada e proibida. (idem, 2014, p. 45)

Nos rápidos momentos que via um mundo diferente daquele confinamento, as personagens atribuem um valor maior ao que para muitos é comum, elementos como prédios, transportes, as casas, pessoas que caminhavam, foi algo tão sublime que permaneceu por muito tempo na mente das jovens. Dedicar-se-ão a relembrar com detalhes o que viram e as sensações que tiveram.

Outra fuga da realidade para elas estava nas leituras que realizavam, nos livros os quais conheciam histórias que as faziam sonhar com uma nova possibilidade de saída do colégio aprisionador: “Sonhávamos casamentos impossíveis, como nos livros. É verdade que nos livros sempre se descobre que a professorinha órfã é de origem nobre, filha de condes” (idem, 2014, p.73). Havia uma valorização por parte da nobreza que privilegiava o casamento como algo de grande importância, ou seja, uma classe privilegiada nas histórias que elas podiam ler dentro da escola. Entretanto, embora percebessem as imposições religiosas e sociais dentro dos livros, através deles achavam escape para saírem da realidade disciplinada e limitada pelas regras do colégio.

Ao longo da narrativa, a narradora conversa sobre o cotidiano com as duas amigas que possuíam histórias de vida diferentes, apresenta-nos as contradições vividas por uma geração de mulheres impedidas de dominar sua própria vida e isso as levava a pensar em uma nova trajetória.

A personagem move-se na narrativa tentando ultrapassar o destino da mulher, passando por conflitos para romper as barreiras e rejeições recebidas pela socialização do ambiente religioso. Por esta razão, o confinamento as sufocava: “O ar dali nos sufocava, parecia-nos que nos impunham anos excessivos de infância. Sentíamos uma sensação humilhante de fracasso, de retardamento, de mocidade perdida” (idem, 2014, p. 78).

Nesse sentido, vemos que havia uma sensação de sufoco por parte das meninas, uma visão da mocidade perdida, que revela mais uma vez a falta de escolha e a negação de oportunidades que deveriam ser comuns, como as experiências de ruas, de convivência, de conhecimentos que não puderam vivenciar dentro do colégio.

A partir de então, nasce essa grande amizade que completa o trio das três Marias. Ela nos faz um convite para conhecermos em sua companhia o que irá fazer parte de seu cotidiano, as mudanças e transformações.

Guta percorre sua vida como se estivesse dividida entre duas situações: sua casa e o mundo exterior. Assim, a casa é colocada como um lugar regulador e o mundo como o que possui as desordens. Após terminar seus dias no internato, quando completou dezoito anos de idade ela, saiu para viver com sua família novamente, pois não havia se identificado com a vocação de ser freira, apenas cumpriu os dias no convento pelo fato de não haver outra saída.

Ao sair do convento, vai para casa de sua madrinha, a mesma que lhe dera abrigo uma vez; assim, em uma reunião familiar, ela lhe impõe tarefas domésticas, mas Guta se recusa a viver essa vida por considerá-la monótona.

Logo no dia seguinte ao da minha chegada, houve uma sessão solene, onde, depois de breve prólogo, Madrinha explicou meus novos deveres de filha e irmã mais velha, falou na colaboração que a família esperava de mim. [...] As camas por fazer, as meias por cerzir, as mesas a pôr e a tirar, as famosas semanas de cozinha que eu deveria revezar com minha madrastra! O fim apologético daquilo tudo era preparar em mim a futura mãe de família, a boa esposa chocadeira e criadeira. (idem, 2014, p. 80).

As atividades de boa esposa e mãe não lhe agradavam tanto quanto o processo dogmático pelo qual passou para aprendê-las. A partir disto, ela caminha em busca da liberdade, pretende desfazer a submissão que lhe impuseram e construir nova identidade, sem hábitos ou práticas sociais estabelecidas, distante do casamento como destino para a mulher e livre da vida que viveu no convento. Foi quando viu no jornal uma oportunidade: seu primeiro passo seria prestar um concurso para datilógrafo na cidade de Fortaleza.

Nessa nova fase, Guta começa a morar sozinha na capital, consegue a vaga no emprego, disfruta a satisfação de ser independente, de tomar as próprias decisões, livre da prisão familiar e religiosa de regras obrigatórias.

Todavia, a nova vida de liberdade logo também se tornou monótona igual a do convento e de seu lar com a madrinha, já que após um dia de trabalho precisava também cuidar dos deveres domésticos, passando a ter uma rotina a qual se resumia apenas a viver de casa para o trabalho, tornando-se algo cansativo e estressante. Ela desejava sentir o prazer de viver, de experimentar felicidade em algo que a completasse e não em alguma coisa que a exaustasse. Para ela, tudo parecia difícil, poder expressar esse tempo decisivo em sua vida, fazendo fluir um desespero pela fuga, que quase chegou a se tornar obsessão.

Guta estava passando por uma fase de transformações em sua vida, e isso gerava medo, angústia de não alcançar o ponto de liberdade que desejava, de se perder no mundo das obrigações, de nunca achar algo que a correspondesse de uma vez por todas. Apesar de ser uma pessoa jovem, existia apreensão com o que sucederia no futuro: “Tinha eu dezoito anos quando comecei a trabalhar, e seis meses depois já sentia medo de ficar velha sem saber o que era o mundo” (idem, 2014, p. 83). A Guta dos dezoitos anos tem ânsia de realizar seus sonhos de mulher, de alcançar ainda na juventude tudo o que foi impedido na sua infância, o que justifica sua pressa de “saber o que era o mundo”. Ela tem nos mostrado o quanto é independente e não aceita que roubem esse direito de si.

Cada etapa de sua vida corresponde a um aprendizado, uma busca e, ao mesmo tempo, experiência no universo, já que ela não pretendia perder uma oportunidade de aproveitar cada segundo.

A Primeira decisão que ela tomou, após sair da casa da madrinha, foi morar em uma pensão na casa de uma parenta do seu pai, porém, não gostando do ambiente passou a morar com Maria José, elas compartilhavam um quarto. Já morando com a amiga, Guta passa pela primeira experiência de amor com Raul, ela o conheceu em um teatro: “Olhou-me longamente, fixamente. Eu também o olhei de começo sem me sentir - o homem era tão velho! [...] Com ele começou meu primeiro caso de amor” (idem, 2014, p. 94-95).

Após esse momento, seu amigo Aluísio, em outra ocasião, apresentou-lhe Raul, foi quando surgiram muitas conversas que, aos poucos, a deixavam apaixonada. Ele a convidou para ir ao seu apartamento, pois gostaria de pintar um quadro com sua beleza, ela se recusa, mas, após insistência dele, aceita e, assim, foram muitas sessões de pose para pinturas de um quadro. Com Raul ela teve o primeiro encontro com o amor, ela estava confiando nessa paixão, mas logo se decepcionou. Ele era um homem bem mais velho e experiente, que demonstrou qual era sua real intenção, torná-la amante. Pelo modo como a olhava e tratava com insinuações, beijos e muitas carícias, fez Guta recuar, pois ela queria ser amada de verdade.

Ela passa a vivenciar uma falta de satisfação, temos a impressão de que ela não se envolveu ainda, não se deixou ser guiada apenas pelas emoções. Seria, então, a força para enfrentar a opressão de uma intenção que não era sua?

Depois de terminar o relacionamento com Raul, Guta percebe que seu amigo Aluísio está se aproximando mais dela, porém ele nunca revelou seus sentimentos, até cometer suicídio e isso a leva a mais uma fuga da realidade, dos problemas mal resolvidos. Nessa ocasião do suicídio de Aluísio, foi confessado em uma carta o seu amor por Guta.

Depois do afastamento de Raul, Aluísio aproximou-se mais de mim, como aproveitando o lugar deixado vago pelo outro. Vinha quase todos os dias à nossa casa. Alguns dias depois de perceber que ele estava gostando dela recebe a notícia que Aluísio suicida-se [...]. No dia seguinte de manhã, enquanto eu ainda lia, no meu quarto, chegou Maria José com a notícia, tão brutal e inesperada, como a conto aqui: que Aluísio tomara várias pastilhas de sublimado corrosivo estava para morrer (idem, 2014, p. 146- 150).

Com este acontecimento, todos a culpam pela morte do amigo, sendo que ela não havia percebido o tamanho do apreço e do sentimento dele, que se quer tentou conquistá-la, buscando na morte a solução para esse amor não alcançado. Os indícios de sua “culpa” aparecem num escrito, é uma carta dirigida ao pai, no sertão, e que o tio encontrara e lera. “Ninguém mais vira essa carta, só o tio. Parece que falava em mim. Parece que aludia um amor infeliz, a uma paixão incompreendida que o levara àquele fim” (idem, 2014, p. 151).

Guta vai para o Rio de Janeiro passar os dias de licença que pedira ao patrão para poder pensar em sua vida, ter momentos de sossego, vivendo com o dinheiro que ganhou no trabalho de datilografa. Essa viagem servia como uma fuga da tristeza que existia em seu coração, todavia na cidade maravilhosa também se depara com o tédio. Sentindo-se sozinha, sem alguém pra dividir seus momentos, experiência um vazio que se prolonga.

Algum tempo depois de ter chegado ao Rio de Janeiro, de ter conhecido a monotonia de sempre, começou a sair com Isaac. Ele restituía à Guta o regozijo que não experimentara há determinado tempo. Foi a ele que se entregou fortemente. Foi no Rio uma das melhores temporadas de sua história. Mas lá viveu pouco.

Guta volta para Fortaleza, pois seus dias de licença acabaram. E por isso vê-se obrigada a retomar sua rotina. Desta vez, sentiu-se mais abandonada, sem nenhum amor. O que restou de toda essa experiência foram as lembranças boas desse amor vivido. Ela então voltou para casa, para o sertão, para suas raízes, sua família, mesmo que não fosse o rumo que desejasse para sua vida. Diante da situação que estava, torna-se uma pessoa muito triste: “Vou para o Sertão, para casa [...] Sinto-me cada vez mais triste doente e só. (idem, 2014, p. 202).

Podemos retomar o fato citado no primeiro contato que ela teve no orfanato, quando viu a imagem da santa que parecia ser triste, uma simbolização de que a mulher deveria seguir aquele exemplo, já que a imagem da santa era de bondade, passividade e uma tristeza conformada, talvez como a que Guta tinha ao voltar para o sertão.

Depois de tantas tentativas por uma independência, ela acaba regressando ao fator inicial de sua vida, à monotonia, a vida no sertão, ao lado de sua família, um lugar fechado,

um pequeno mundo. Maria Augusta parece vivenciar um eterno desprazer, como se não obtivesse seu espaço no mundo, vivenciando uma interminável busca para terminar um vazio interior, que nunca é preenchido mesmo perante tantas tentativas de mudança. Ela regressa ao princípio de sua trajetória, que é a vida doméstica no sertão, confirmando o tamanho da dificuldade em ser independente naquela época.

A transformação da vida simples de uma menina em questionamento com os arquétipos estabelecidos pelo mecanismo de um ideário que impossibilitava a felicidade, como a personagem não descobriu ainda uma forma de mudança daquela realidade como um todo, aponta pelas direções da construção do perfil de mulher incompleta, que busca preencher sua vida com uma liberdade que lhe traga o prazer de ser o que é, de viver como quiser, sem se submeter a mundos pequenos, fechados e regrados. É inegável que uma das principais discussões centrais desse romance é a condição feminina.

3.3 Maria José: entre a submissão e o confinamento

A personagem Maria José é apresentada com uma peculiaridade por causa de seu nome que é feminino/masculino ao mesmo tempo, diferente das duas amigas. Ela possui consigo um amor pela religião que a faz sempre pretender estar além dos acontecimentos que abrangem o pecado, nas horas difíceis busca refúgio na fé.

Ainda podemos constatar na questão religiosa que tanto o nome Maria como o nome José são bíblicos, podemos propor que o nome da personagem já declara seu caráter religioso ou sua ligação com a religião.

Através dela, a obra evidencia a dedicação plena a vida religiosa. A partir do processo de iniciação no Colégio interno, e ao longo dos anos fora dele, vai ampliando sua vocação religiosa e possuindo mais conhecimento sobre a crença, que tem como marca básica a saída, um refúgio para os problemas, que proporcionará um afastamento das coisas mundanas e resultará numa persistente evolução espiritual.

Seu maior propósito está no recolhimento físico, em procurar se manter distante de tudo que correspondesse ao mundo libertino para se entregar a Deus. O primeiro momento em que ela é abordada no livro é quando acolhe Maria Augusta, tornando-se amiga dela no convento.

É com essa ideia de submissão a religião que o romance faz uma denúncia do confinamento vivido dentro do colégio e das influências que adquiriram para decidir que caminho seguir.

Maria José tinha uma amizade com a órfã Hosana, as duas estavam acostumadas a se encontrar numa esquina da varanda. Hosana bordava santinhos de gesso, um longo comércio entre ambas já permanecia durando um ano, trocavam muitas coisas, entre as tais uns santinhos rendados. Mas não durou muito e Maria José foi chamada ao gabinete da Superiora, justamente por desvendar o comércio que desempenhavam dentro do convento. Maria resistiu, suportou tudo calada, para não entregar a amiga, pois compreendia os dias dedicados ao trabalho que dava para fazer aqueles objetos tão preciosos.

Maria José guardava no manual, junto a um santo da sua primeira comunhão e a uma relíquia de Lourdes, um pequeno quadrado de seda, bordado por Hosana: o nome das duas e mais dístico “amizade eterna”, dentro de uma cercadura de miosótis [...] E, naturalmente, aquele excesso de amor romanesco, as florinhas, os santos, acabou chegando tudo aos ouvidos da Irmã Germana — e era sempre esse o fim das amizades com órfã (idem, 2014, p. 28).

Maria José procurava sempre atuar com obediência, cultivava seus dias a seguir as regras que lhe instituía, também persistia em manter a postura de amiga verdadeira. As orações pareciam lhe servir de consolo para essa vida monótona, naturalmente amava em demasia os santos.

A amizade que tinha com Maria da Glória e Maria Augusta não havia nada que as separasse, nem Superiora que conseguisse mantê-las distantes. Depois que receberam o apelido da Irmã Germana de “As três Marias”, tudo passou a lembrar essa união, e foi à própria Maria José que, para registrar essa amizade, fez a seguinte sugestão: “Foi Maria José quem nos lembrou de nos tatuarmos. Teve que ser na coxa, para que as Irmãs não vissem. Pelo nosso gosto seria nos braços, no colo, nas espáduas; mas era forçoso evitar que as freiras descobrissem que alguma conselheira fosse contar à Irmã Germana” (idem, 2014, p. 37). A tatuagem, como marca para eternizar no corpo um desejo, a materialização do pensamento, consolida a ideia de que somente sua memória faz penitência, esperava-se que o corpo também fizesse, mas a partir do momento que faz a tatuagem deixa isso de lado.

Com essa passagem surge a reflexão: por que foi justamente Maria José que sugeriu essa tatuagem, se ela era a grande obediente religiosa? Isso lhe causou um sentimento novo, um pretexto para as fantasias e devaneios e, pelo menos uma vez, a moça escapa das regras, porém o “escape” de Maria José foi um escape pensado, um escape escondido, afinal, uma tatuagem na coxa é o rastro de um desvio à regra que ninguém descobriria.

Torna-se aberta a ideia de que, às vezes, parecia ser alguém que não queria ser. Será a chance para o leitor colocar em desconfiança a santidade dela? Já que atuou de forma oposta nessa ocasião? Mas sabemos que isso pode suscitar apenas uma reação inesperada, essa primeira interpretação nos permite pensar na narradora descobrindo o segredo; a segunda nos remete refletir sobre a cautela quanto aos sentimentos e desejos da personagem, nitidamente um conflito entre religião e vida mundana, temática predominante nesse romance.

Das três, Maria José era a única que tinha família e casa próxima ao convento. Não obstante, possuía uma história de vida triste. Sua mãe dedicava os dias a cuidar da família, sem lazer, apenas tarefas domésticas, abandonada pelo marido, passando a assumir todas as funções dentro de casa:

Só Maria José tinha família e casa próxima: uma grande chácara no fim da linha do Alagadiço, cheia de meninos miúdos, com a vacaria ao lado[...] Contava-se no Colégio uma história complicada de separação, com outra mulher envolvida no caso - uma moça solteira que fora madrinha do menino mais moço e vivera metida dentro de casa como uma irmã. Agora morava junto com o marido de Dona Júlia, num chalé da Aldeota (idem, 2014, p. 39).

Guta mostra plena consciência de que a vida de sua amiga era diferente das outras meninas que também possuíam família, uma mistura de solidão e vida infeliz, sugere a possibilidade de uma saída desse estado de isolamento quando está com suas amigas inseparáveis, a ânsia dela manifesta os novos contornos construídos com a possibilidade de realização pessoal.

Uma jovem beata, sempre se afastando dos “prazeres mundanos” como uma fuga dos problemas que acarretaria o domínio do “pecado”, tenta controlar as aventuras das suas companheiras Guta e Glória: “Maria José se benzia e murmurava alguma jaculatória em intenção da alma que voltava para ‘a grande pátria’” (idem, 2014, p. 87). Maria José era uma mulher que aspirava o recato e a prevalência racional sobre o emocional, ou seja, um estado de completa submissão. Desempenha um ritual repetido, cheio de gestos e palavras.

De uma fé carregada de simbologia e representatividade, esta era a mulher que Maria José se transformava, vivia aos pés dos santos, procurando a santificação, como se nunca estivesse totalmente satisfeita, dormia e acordava pensando no seu propósito: alcançar a expurgação em alto nível.

Há várias passagens que comprovam esse perfil de mulher religiosa, de certo modo aprisionada a um confinamento também tido como certo para a mulher do século XX, em que

a partir do momento que recusa o casamento, dedicar o resto dos seus dias a religião é a segunda melhor opção: “Junto a sua cama, Maria José tinha um genuflexório e, no alto de uma cantoneira, um Cristo e uma Nossa Senhora de gesso” (idem, 2014, p. 86).

Também ao pensarmos nessa escolha de Maria José e da família, percebemos que diante da realidade que ela viveu, marcada por traição, dificuldades, por medo de viver a vida que sua mãe levou, acabou escolhendo ser uma religiosa. Ela fascinava-se pelo que a religião lhe proporcionava, uma felicidade em que se refugiava, se completava, garantia uma paz interior, no entanto que a mantinha confinada a um destino predefinido por toda sua vida.

A própria Maria José vê que sem a religião em sua vida não saberia como suportar todos os conflitos que surgem em sua jornada: “[...] Nem sei o que seria de mim se não fosse à religião me contendo. Parece que me perdia que me atirava para o pecado, como uma louca. Tenho desejo e medo de tudo” (idem, 2014, p. 192).

Guta quer explorar a questão da religião na vida, em que ser bom e caridoso é uma necessidade e para ser cristã basta apenas isso e não precisar ser santinha, evitando as paixões e sentimentos pessoais, criando outra estratégia que visa à inversão de valores que vinha sendo atribuída a Maria José. A narradora tenta ser um pouco mais moderada e, assim, afirma que rezar continua sendo a forma de sua amiga ser vista com bons olhos, como uma mulher de Deus, acima de tudo, procurando dizer que a paixão cristã remete a religiosidade, enquanto a paixão humana remete a sexualidade.

Maria José rezava. Rezava o seu exercício predileto, as meditações sobre a Paixão. De momento em momento, tomava o crucifixo nas mãos e beijava uma das chagas da imagem. O cristo era de gesso, encarnado em cores violentas, com grandes lágrimas de sangue salpicando-lhe o corpo, cachos dourados e olheiras dum roxo de flor. Não parecia um morto, no meio de tantas cores. Porém Maria José o via morto, via a tragédia, e chorava e batia no peito (idem, 2014, p. 190).

Existe uma censura ao comportamento da jovem, quando busca com custo sufocar com a reza o sentimento de paixão e de desejo carnal, isso lhe causa muitas variadas sensações inesperadas, em que faz surgir pensamentos negligentes aos seus princípios, pressupondo que quando se trata do sofrimento de Cristo, por amor espiritual, permite também entender que o amor carnal é algo pecaminoso vivido com intensidade pelo homem pecador.

Maria José, ao contrário de Maria Augusta, não estava disposta a buscar uma independência e enfrentar todas as dificuldades da vida, que certamente surgiriam, ela não via

isso como uma possibilidade de ascensão ou melhoria de vida. Por isso, rejeita qualquer amor que não seja “puro” e prefere sua salvação. O recatamento em que as mulheres viviam obrigadas, por causa dos costumes e da educação exigida na época, fez-se como um dos motivos para que ela se afastasse disso tudo.

Maria José demonstra constantemente o seu compromisso assumido perante a igreja. Como uma espécie de alimento e força para sua caminhada, as horas dedicadas às rezas servem para se sacrificar diante do que sentia ao pensar nos sacrifícios divinos, porquanto ela não se renovava diante do mundo em que vive o homem, mas o espírito. “[...] E rezava, rezava cada vez mais perdidamente, rezava como quem chora num desespero; calejava os joelhos, dispersava os dias em horas de adoração, corria das aulas para a bênção, comungava e ia a missa todas as manhãs” (idem, 2014, p. 148).

A narradora demonstra sentir que sua amiga está presa e angustiada e quanto mais chora, mais sente a dor do grande sofrimento, é como se afirmasse que as lágrimas expressavam seu sofrimento íntimo, sob um olhar cristão e como se fossem correntes pesadas.

Guta fala ainda de seus sentimentos em relação ao que vê em Maria José, afirmando sentir vontade de exteriorizar seu pensamento, contudo lhe faltam palavras para conseguir concretizar.

Esse romance descreve uma visão patriarcal, contendo uma sociedade oprimida pelos ideais defendidos pela igreja como ditadora de regras e controladora da vida dos cidadãos naquele século: “Será possível que ela se comova realmente, sofra realmente, só na evocação mental, quase literária, daquele drama longínquo?” (idem, 2014, p. 190). A narradora está duvidando do que a amiga revela diante daquelas rezas, está também demonstrando que Maria José pode estar vivenciando uma ilusão, acreditando em algo que na verdade não existe e ela pensa que sente, evocando algo que acontece apenas em sua imaginação e crença.

Guta realiza uma espécie de comparação, ou seja, compara a fé da amiga com algo ficcional, literário, que só acontece nos livros, e na vida real é totalmente diferente. No mundo da escrita literária tudo pode acontecer, os personagens podem se mover e fazer qualquer coisa, enquanto que na realidade não é possível tal liberdade e funcionamento.

Portanto, Maria José renuncia as tentações carnis, cumprindo “aparentemente” todas as designações religiosas que lhe atribuíram no colégio, suas lágrimas se vertiam em correntes, unindo até formar um todo. “Por que Maria José chora? De onde tira ela dores para essas lágrimas? Da morte de Deus, ressuscitado em glória tão depressa, e tudo isso há dois mil anos?” (idem, 2014, p. 191).

Guta poderia não entender de onde ela tirava tanto sofrimento e não saber por que mesmo após tanto tempo ela consegue sentir isso em seu coração. Isso acontece porque os ideais de Guta são bem maiores, porque a liberdade que Guta almeja não é diminuída pelas regras religiosas e porque as fugas de Guta são para esferas diferentes da religião onde Maria José se encontrou.

Como vemos, a religião é responsável por mantê-la distante de um perfil de emancipação feminina, se sua busca não fosse nessa crença, ela não conseguiria ter equilíbrio e controle sobre suas emoções, sobre os desejos que qualquer pessoa sente. Talvez o medo de enfrentar a verdadeira realidade da vida de uma mulher assustava e lhe causava o sentimento de repúdio, tornando-a certamente uma pessoa mais “pura”, e quanto mais buscasse essa santificação, melhor se sentiria. Ela nos faz refletir sobre a ideia de que não é possível conciliar as duas coisas: casamento e religião, mas é preciso fazer uma escolha, e decidir que caminho se quer seguir.

A personagem também apresentava seus momentos de dúvidas e questionamentos diante da vida, embora com certa plenitude vivesse nesse mundo espiritual. Houve ocasiões em que pensava como seria sua história se caso não vivesse nesse universo da busca da pureza. Por possuir uma família sem estrutura e pensar no destino de seu pai, diz o seguinte:

— Quando penso em meu pai, e na vida que ele leva, perco horas de sono. Tenho vontade de largar tudo, de me arriscar e experimentar essa vida. Desafiar o mundo como ele, me afundar, me acabar. Às vezes tenho medo de mim. Como será o prazer, como será essa outra vida, Guta? E eu bem sei que todo prazer é um pecado (idem, 2014, p. 192).

Esse trecho ilustra o conflito interior vivido pela personagem, desprovida de conhecimentos que o mundo poderia oferecer-lhe, ela pensa na possibilidade de viver o prazer a que seu pai decidiu se dedicar, mas, ao mesmo tempo, continua com seu pensamento de que tudo é pecado e o medo permanece, direcionando-a a uma punição severa para os gozos terríveis que seu coração desejava e, mesmo sem querer, alimentava consigo. Assim, continuou sua dedicação à religião, preferiu não se evadir daquilo que a completava, decidiu manter-se longe das aventuras desse universo extenso, e ligada à igreja como uma fuga da realidade opressora.

Constatamos com essa análise da Maria José recatada, presa aos limites que ela mesma impôs a impedia de se libertar da prisão que o orfanato e as questões familiares colocaram em sua mente. Mesmo surgindo desejos carnis em seu coração e sua mente, ela

seguia se sentindo presa a esse ensinamento que recebeu ditado como o correto, o caminho que leva a evasão dos problemas.

3.4 Maria da Glória: entre a dor e a luz

Na obra, a personagem Maria da Glória começa a ser citada a partir do momento em que Maia José lhe apresenta a Guta. As primeiras características dela são citadas no que se refere a aparência e jeito de ser, uma descrição baseada em coisas que Guta encontrou em primeira impressão e que chamou atenção.

Uma menina mais “seca”, sem grande atributos de beleza: “Glória roía as unhas, tinha olhos enormes e era magra e alta” (idem, 2014, p. 15), mas ao mesmo tempo esperta.

Após esse primeiro contato, é narrado um pouco da vida de Maria da Glória, com perfil de menina órfã, que carrega consigo o luto e isso decide que seja consecutivamente uma pessoa triste, caso contrário, apontaria ter esquecido seu passado de amargura.

Glória usava no peito um broche com um medalhão de duas faces. De um lado o retrato de uma moça bonita, sorrindo, do outro, um homem de olhos enormes e cheios de tristeza, com a cabeleira preta lhe fazendo cachos pela testa grande. Dois retratos de mortos, pois Glória era órfã (idem, 2014, p. 18).

Guta procura evidenciar as amarras que constituem o círculo familiar de Glória, cuja descrição enfatiza os atos de uma estudante marcada por receios e medos, uma história contada e conduzida pelo sofrimento, um comportamento estabelecido a partir dos acontecimentos vivenciados no decorrer de sua vida.

Glória é apresentada por Guta baseada em leituras que ela teve, deste modo, há passagens no livro que descreve a primeira fundamentada em uma imagem romanesca, com peculiaridades “literárias”, segundo Guta, uma personagem de um romance aristocrático: “Entre tantas outras que não tinham pai ou não tinham mãe, a orfandade de Glória revestia-se de não sei que características sutis que as tornavam excepcional — como de uma aristocracia na tragédia.” (idem, 2014, p. 18).

Ela faz uma comparação com a aristocracia na tragédia, pelo fato de que a sua amiga sobrecarrega consigo uma fase calamitosa, tendo em vista que quando ficou órfã de pais a ensinaram a estar continuamente rememorando o passado, pois coberta de luto encontraria um sentido na vida, vida esta em que não tinha alegria no coração.

Essa idealização induz Guta a fazer uma associação com a realidade, ou seja, embora ela apresentasse um perfil de menina órfã e solitária bem como caráter de desilusão diante do mundo que passou a viver dentro do convento, consiste em uma jovem que tinha por objetivo fazer as pessoas se comoverem com sua história triste de vida.

Com esta vida triste através da qual queria comover pessoas, lembremos a imagem que Guta viu ao entrar no orfanato da santa triste, este é o retrato do que queriam para todas as meninas: submissão e tristeza (no sentido de conformação diante dos fatos da vida).

A infância de Glória é trazida como um meio para justificar algumas atitudes, pois ela possui uma história caracterizada pelo fúnebre: “No dia do seu nascimento morrera-lhe a mãe. Morreu com dezesseis anos, sem ter tido vagar para conhecer as alegrias do mundo, só sabendo do amor os sofrimentos dos primeiros tempos e da maternidade as dores e o drama do parto” (idem, 2014, p. 18). Os cuidados da mãe que ela nunca possuiu, nunca pode receber o amor maternal, aprender coisas que toda mãe ensina, ficando um vazio em seu peito, uma lacuna a ser preenchida.

Já que a pequena Glória havia ficado órfã de mãe, restando-lhe ao pai suprir toda a carência que a criança sentiria, cuidar como se fosse a própria falecida, dá amor em dobro e caminhar ao lado dela em suas fases mais difíceis. Isso nos faz pensar na tamanha dificuldade que o pai da garota passou a se ver e o que ele representou em sua vida, pois poderia ter escolhido entregá-la a alguém, mas preferiu se dedicar e tentar compensar as ternuras que ela nunca recebera da morta. É por esse motivo que: “Até fazer quatro anos, Glória o chamou de ‘mamãe’. E na primeira vez em que o chamou de pai, levada a isso pelas companheirinhas de calçada que a atormentavam (‘tão boba que chama um homem de mãe!’) ele chorou o dia todo, e foi quase como se a mulher lhe morresse outra vez” (idem, 2014, p. 19).

A partir daí, entendemos o porquê dela levar consigo essa dimensão de apreço pelo pai, como única companhia no ambiente familiar, o que faz dela uma pessoa solitária, recatada e apontada pelos outros como motivo de riso por ver no pai também a figura da mãe. No balanço que faz da vida da personagem, Guta admite que o bem mais precioso que ela possuía era a família e isso lhe foi tomado.

A mãe de Glória morreu durante o parto, passando o pai a assumir as duas funções, de pai e mãe, desempenhando com a filha atividades que fizessem minimizar a lacuna:

A mãe de Glória morrera ao dar à luz; o pai então substitui a morta, era pai e mãe. O pai fazia versos. Glória tinha um cofre [...] cheio de sonetos e

baladas [...] Versos à morta, versos de saudades e mágoa revoltada. E outra espécie de versos também, esses alegres ou comovidos, acompanhando musicalmente a infância da filha” (idem, 2014, p.19-20).

Mesmo não tendo conhecido a mãe, Glória escrevia versos para diminuir a saudade, versos que marcavam o seu sentimento de ausência, revolta com a vida. Quando seu pai morre, a produção dos versos também morre: “acabaram-se os versos” (idem, 2014, p. 20).

Notamos, através disto, o quanto expressar o que pensa fez bem para a personagem, uma forma de amenizar o sofrimento, expor o que estava dentro do coração, porém, com o falecimento do pai, parece que não tinha mais sentido escrever, provavelmente escrevia para mostrar ao pai como se sentia. Não expressando mais suas emoções interiores, comover as pessoas com sua história talvez fosse a nova forma de externar sentimentos.

Desde sua chegada ao convento, recebeu o título de menina órfã, aquela que chorava pelos cantos do convento, antissocial e amargurada. Enquanto as outras procuravam se divertir de alguma forma, ela estava lá em seu lugar com o luto, simbolizado através de seu amuleto no pescoço. “E desde esse dia de chegada, Glória nunca mais deixou de ser, para o Colégio inteiro, a órfã” (idem, 2014, p. 21). Até este momento os fantasmas da vida da menina permaneciam em seu dia a dia, fugindo dela a possibilidade de mergulhar em outras relações humanas em função de suas experiências amargas.

A imagem que a narradora constrói de Glória é baseada na aparência de tristeza e seu jeito era abatido de tal maneira que sua figura transparecia sua história de consternação:

Entrou no Colégio toda vestida de preto, o cabelo escorrido batendo nos ombros, o grande medalhão brilhando ao peito, no meio da negrura do luto, a caixa do violino debaixo do braço. Porque ela tinha até um violino para completar o quadro, era realmente a órfã, pálida, magrinha, encostada à ombreira de entrada do parlatório, como se tivesse saído de uma gravura daqueles romances que nós líamos em voz alta nos recreios da noite—romances cujos começos são tão tristes, mas que acabam sempre pelo casamento da orfãzinha com o moço orgulhoso, de olhos azuis de aço, motejadores e escaninhos, filho do dono do castelo onde ela é professora. (idem, 2014, p.20- 21).

Assim é descrito o perfil de Glória, sempre ressaltando aspectos das leituras que a própria Guta conhecia, principalmente aquelas mais românticas que, embora tenha um início triste, o final acontece para felicidade do casal. Desde já, Guta imaginava que essa menina em

meio à negrura seria um dia feliz com um rapaz que ia vir buscá-la para morar em um castelo enorme.

Por outro lado, ela vê Glória com uma especificidade diferenciada das outras garotas, pois, apesar de ser órfã ou uma criança carente e dependente dos outros para decidir seu destino, nem por isso preenchia também o perfil de meiguice das personagens romanescas conhecidas nos livros das internas. “Glória não era nem humilde nem meiga como as outras órfãs, as dos romances.” (idem, 2014, p. 22). Não obstante ela romantizar sua amiga como uma personagem dos romances que lia, Guta a via como grossa, sem humildade e sem o amor ela não se parece com as personagens femininas meigas dos romances.

Diante disso, Maria da Glória havia aprendido a tocar violino com seu falecido pai e teve a oportunidade de ser convidada pelo maestro para participar de uma apresentação da orquestra do Teatro local:

O professor de violino pedira a Irmã Superiora que consentisse Glória tomar parte no seu grande concerto do fim do ano [...] Nesse verão era Glória a grande esperança do maestro. Já tocava Beethoven, já sabia fazer o violino gemer na *Serenata* de Schubert dum jeito tão triste e patético quanto o dum cigarro romântico (idem, 2014, p. 56).

Os encantos da garota foram encontrados no toque do violino, uma luz em seu caminho. Daí pra frente, sim, outros aspectos positivos são descobertos. Ocorre uma mudança significativa no olhar sobre a questão. Há um esforço para dar visibilidade a Glória, como agente social e histórico, como sujeito importante, é uma particularidade como categoria específica.

As tragédias da vida da órfã são deixadas de lado e, neste momento, começa uma fase de alegria e descobertas. Nos momentos seguintes são descritos sobre como foi essa “fuga” da realidade de Glória durante as saídas para o ensaio: “Glória ficou indo todas as tardes. E de cada vez que chegava, era como se nos trouxesse de fora o vasto mundo escondido na mão” (idem, 2014, p. 57).

Com esta passagem, entendemos o confinamento em que elas viviam e a falta de conhecimento das coisas que aconteciam no mundo fora do colégio, ao mesmo tempo tão próximo delas, mas que se torna longe pelo fato de serem impedidas de vivê-lo. Virou rotina das meninas esperarem sua amiga chegar para lhes contar tudo que viu e viveu, uma verdadeira aventura trazida para dentro do convento. Glória passa a representar o contato das outras duas Marias com o mundo exterior ao convento.

É através desses ensaios que ela conhece e se apaixona por um rapaz estrangeiro, o seu primeiro amor, cuja intensidade divide com suas duas amigas. Desde este dia, ela não parava de falar dos olhos verdes que ele possuía, da gentileza em ceder um lugar para ela sentar, até a “transformação” do seu amor em romance: “Ele começou a namorar com Glória, logo que entendeu os olhos com que ela o olhava” [...] Ele falava francês, tinha sido criado na Europa — ou no Líbano —, e conversava com Glória acerca de Pierre Loti, que começou a ser uma espécie de deus para nós” (idem, 2014, p. 58-59). O rapaz por quem a jovem se encantou e com quem iniciou uma nova fase da vida apresentava características ideais para ela, além de beleza física e inteligência, um homem tão ideal quanto os dos romances.

A ideologia vivenciada no cotidiano se apresenta como importante base para a vida dela, na formação em que são permeadas, por conhecimentos e valores que se organizam e fazem sentido no interior desse grupo social do qual ela fazia parte.

Mas o tempo passa, elas crescem e a vida fora do convento não é tão maravilhosa quanto parece. Os desafios surgem e muitas vezes são árduos de encarar. A primeira mudança na vida de Glória é o noivado, estava vivendo sua hora de amor, bastante apaixonada, longe do drama que um dia viveu em sua infância: “Foi por esse tempo que Glória noivou? Creio que sim. Fez-me a comunicação numa cartinha lírica, muito diferente do que se poderia esperar da alma energética e quase áspera de Glória” (idem, 2014, p. 90).

Deparar-se com casamento foi uma forma de fugir do internato e ao mesmo tempo ter a apreciação da sociedade burguesa como “senhora”, ou seja, mulher casada. Ela passaria a ser mais uma senhora na sociedade, respeitada por todos, poderia também estar livre da rigidez que vivia dentro do confinamento. “Gloria casou numa tarde de sábado, e, vestidas de seda rósea com grandes saias, na mão um buquê de pequenas flores de cetim, Maria José e eu resplandecíamos entre as damas de honra” (idem, 2014, p. 129).

A convivência que um dia sonhou, que um dia leu nos livros e pensou em viver, transformou-se em uma realidade: “Para Glória, era como se nascesse naquele dia, e nascesse sem dor, vestida de seda branca, amando, sendo amada, e a espera de incomparáveis delícias” (idem, 2014, p. 130).

Mas tudo isso é pura imagem, já que ela, ao sair do convento, passa a viver outro confinamento, o casamento, torna-se presa ao ambiente doméstico, um cotidiano dentro de casa, com atividades voltadas somente para sua família, algo que permaneceria até o fim de sua vida.

Maria da Glória refugiou-se no casamento, pois foi a forma que encontrou para ser feliz, apesar de existirem muitos obstáculos resolve seguir o padrão da sociedade burguesa, a

qual determinava isso como ideal para a mulher. A personagem Glória é descrita como um ser totalmente incapaz de ser feliz, de tomar um rumo inovador que rompesse com a tristeza que ela carregava na sua vida. Desfaz a imagem de donzela que é sempre sensível e amável, ela traz o perfil mais “seco” como consequência da vida, mas é no casamento que se refugia como meio para resolução de seus problemas.

3.5 Marias no espelho

A forma escolhida pela autora para escrever, evidencia que as mulheres desse romance são impossibilitadas de se tornarem autônomas. Por outro lado, o texto convida a um estudo crítico, uma análise das ações construídas e que formarão as imagens das mulheres no futuro.

As Marias estudadas neste trabalho são oriundas de contextos familiares diversos: são órfãs ou vivem apenas com a mãe ou com o pai e a madrasta. Quando não conseguem se casar, construir uma família ou ter filhos, sugerem um pensamento de incompletude por não atingirem o ponto ideal daquilo que as faziam felizes de verdade. Elas buscam outras formas para se sentirem completas, como o trabalho e a religião.

Entretanto, não são os principais motivos para a insatisfação, uma vez que elas estão sempre buscando outros modos convenientes para sua realização. Ao analisarmos os acontecimentos de suas vidas e descrição de personalidades como aquelas que confrontam um contexto sociocultural que fazem parte, remetemo-nos a ver que a imagem feminina que elas constroem é de incompletude e é nessa questão que as personagens se assemelham.

Tais mulheres estão diante do que a sociedade e a família exigem que elas sejam, estando, portanto, associadas à maneira como são vistas, subjugadas e como elas realmente gostariam de se ser. Por tentarem alcançar a felicidade cada uma à sua maneira, elas acabam se tornando semelhantes, jovens que são oprimidas pelo contexto social na primeira metade do século XX, regido pelo patriarcalismo, domínio masculino.

Na verdade, a trama é conduzida pelo questionamento e pela possibilidade de vencer barreiras, havendo um embate entre as condições determinadas pelo ambiente, o lugar ideológico das mulheres e o rompimento destas determinações sociais. Por isso, na obra, a narradora denuncia atitudes repulsivas e aspectos sórdidos da comunidade e de seus integrantes, questiona a ordem vigente, principalmente o ambiente disciplinado e seu reflexo na vida de mulheres simples, além das descrições de costumes e práticas deploráveis próprias do regime do Colégio, o choque dos interesses pessoais sobre a humanidade das pessoas,

levando-as a atitudes de injustiça, no caso do confronto entre o que a mulher deseja e o que sociedade impõe.

As histórias pessoais definem cada uma delas com um comportamento diferente durante o período colegial: “Entre nós as reações eram diferentes”. Das três, era Maria José a que mais fazia promessa. Glória, orgulhosa, não pedia nada aos santos, estudava, estudava, aprendia tudo. Eu, que pouco estudava antes, sempre perdia tempo pensando e sonhando coisas”(idem,2014,p.42). Fica evidente que são pessoas com sonhos, desejos, comportamentos divergentes, unidas pelo desajuste aos conceitos sociais estabelecidos e imputados às jovens mulheres.

Muitas coisas também as separam. Maria Augusta se definiu como uma jovem namorada: “Eu era namorada, mas arisca, e não sabia coordenar pretendentes. Dispersava-me pelos namoros de bonde, simples olhares, sorrisos, palavras rápidas” (idem, 2014, p. 90).

Sua amiga Maria José estava sempre se punindo, evitando os “pecados” da carne que, para ela, desviam o ser de sua completa autonomia e equilíbrio, punia-se, naturalmente, pelos desejos pecaminosos do seu coração que teimava em pensar: “[...] Maria José, realista e cética” (idem, 2014, p. 58).

Enquanto isso Maria da Glória encantava-se com a possibilidade do casamento: “Parecia que o noivo lhe tomara todo o ugar ocupado antes pela sepultura do pai” (idem, 2014, p. 91).

Vemos também discussões relacionadas sobre o papel da mulher na sociedade, fazendo o leitor questionar se esses destinos que atribuem às mulheres são os melhores e suficientes para suas vidas e realização pessoal.

As personagens demonstram ser infelizes em alguns momentos, por viverem nessas situações e é por esses motivos que elas caminham em busca de novas saídas para se sentirem mais felizes consigo mesmas. Sendo assim, a problemática que cada uma das personagens vivencia demonstra o desequilíbrio emocional causado pelo fator social, uma nova forma para se pensar nas atitudes dos valores tradicionais, demarcadas pela história.

No final da obra, é retomada a importância de cada uma das Marias, o que elas representam diante de uma sociedade a qual não possibilitava a emancipação da mulher, cada uma das características as faziam pessoas especiais e, embora em alguns momentos não atingissem o ponto ideal para sua formação ideológica, viveram momentos marcantes que fizeram essa amizade se consolidar e formar o grupo “As três Marias”.

E, afinal de contas, fora só um momento. E esse momento passou. Cada um voltou a ser o que era antes, e nunca mais, decerto, nos veremos [...] Olho as Três- Marias juntas, brilhando. Glória reluz, impassível, num raio seguro e azul. Maria José, pequenina, fulge tremendo, modesta e inquieta como sempre. E eu, ai de mim, brilho também, hei de brilhar ainda por muito tempo — e parece que a minha luz tem um fulgor molhado e ardente de olhos chorando. E nem sei quanto tempo hei de ficar ainda, sozinha e desamparada, brilhando na escuridão, até que minha luz se apague (idem, 2014, p. 204).

Rachel de Queiroz construiu personagens que privilegiam a voz feminina, atribuindo grande importância social sobre sua representatividade, por conduzirem a narração e propor uma reflexão sobre a consciência do problema que é viver uma vida determinada, que impede a autorrealização, sejam fatores políticos ou culturais. Por causa de tal imposição, surge a frustração de não obter a realização pessoal que tanto buscam em sua completude como mulheres, já que as expectativas que o meio oferece são de mínimas chances.

Percebemos ainda a sensação das personagens analisadas de serem sempre incompletas, são transmitidas suas impressões ao leitor como uma indicação de que as dificuldades de ser mulher são muitas diante do que buscam para si, há uma cobrança da sociedade que visa o destino da mulher em conformidade com as leis regidas pelo poder da elite.

Embora a escritora Rachel não tenha se definido como feminista, enquanto militante, mas não deixa de revelar o novo perfil de mulher que ela queria que reclama: mais ousada e lutadora, agente contra o discurso patriarcal.

Rachel de Queiroz não se detém aqui numa singularidade de história de infância, nem de uma experiência, mas sabe que, com esses exemplos de Marias, denunciou as dificuldades femininas e a necessidade de se conduzir por si só, isso pode levar o leitor a uma impressão de que a mulher sofre por ser uma pessoa fragilizada, mas não é assim. Essa fragilidade é imposta pela sociedade e pelo padrão feminino que ela estabelece, como a tristeza na imagem do rosto da santa, imagem contornada pela passividade e fragilidade imputadas às Marias.

A intenção da narradora é dissecar as motivações do comportamento pessoal para então criticar suas ações e frustrações em presença de uma sociedade perversa e competitiva. Ao denunciar as incoerências e a ganância humanas, ela desvenda a própria natureza do homem.

Os perfis que são, portanto, traçados pelo viés psicológico, são de origem, idade, sexo, profissão e classes sociais variadas e para cada personagem é conferida uma carga importante de verossimilhança. Esses aspectos podem aparecer mais explícitos ou mais fragmentados, porém nos remetem a uma reflexão enquanto leitor.

O destino as leva para direções diferentes, mas a amizade permanece e através das três meninas percebemos o tema que marca várias obras de Rachel de Queiroz, a representação da mulher na sociedade e seu real papel.

4 CONCLUSÃO

Com esta pesquisa compreendemos que o percurso que a mulher desenvolveu na história social promoveu mudanças na forma como a sociedade a olha, caminhando para a emancipação da mulher em seu meio. Notamos também que em 1930, tem-se uma geração modernista voltada a denúncia social e a produção de Rachel de Queiroz aponta os limites da vida de uma mulher. O título do romance sugere uma ideia de três caminhos para se seguir e que estes simbolizam as diversas Marias brasileiras.

Perceberemos, ao longo do estudo, que o poder patriarcal imperava com o passar do tempo surgiram as inquietações e grande insatisfação da mulher em seu meio. É diante dessa discussão que esta pesquisa buscou analisar as personagens femininas na obra *As Três Marias*, de Rachel de Queiroz, de modo a traçar o perfil de cada personagem, as fronteiras da vida em uma geração dominada pelo patriarcalismo, sugerindo uma reflexão sobre que mudanças é preciso para que haja uma participação da figura feminina em contextos em que há somente o predomínio do poder masculino.

Constatamos em nossa análise que mesmo sendo o convento um ambiente insuficiente de ocasiões para emancipação individual, a personagem Guta lutou por sua realização e foi em busca de um sentido para sua existência. Em meio a essa busca, experimentou muitos caminhos, planejou diversos sonhos, sofreu gradativamente vários amadurecimentos, embora não tenha alcançado a independência que tanto desejava, mas conseguiu negar diversos papéis impostas pela sociedade, como mãe, beata e dona de casa. Sua verdadeira liberdade estaria talvez na procura de ser quem quisesse, mesmo tendo acontecido o retorno para o sertão, caracterizando um regresso em sua caminhada, a vida oprimida, ao universo patriarcal. Ela tomou decisões que marcaram seu comando sobre sua vontade no mundo, mesmo que tenha sido contida por circunstâncias que limitaram seus planos.

Já Maria José se mostrou ser submissa ao que lhe impuseram, não lutou por uma mudança, simplesmente aceitou e dedicou sua vida a seguir regras designadas pela religião que acreditava.

Maria da Glória incorpora a imagem de dona de casa, por ter optado pelo casamento, significando que seguiu o padrão ideal para a sociedade do século XX, uma condição ditada pelo contexto sociocultural, deixando entrever que a alegria só seria possível depois de construir uma família.

Portanto, o final da narrativa sugere que mesmo diante de todas as situações, a mulher consegue perceber sua utilidade e, apesar de não alcançar algumas vezes a realização que tanto almejava, impedida por muitas questões já citadas anteriormente, ela possui um valor e sua existência no mundo faz sentido a partir do momento que vai em busca daquilo que a completa.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Socorro. **Rachel de Queiroz**. Coleção Terra Bárbara. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz. **Nordestino: invenção do “falo”** - uma história do gênero masculino. São Paulo: Intermeios, 2013. (Coleção Entregêneros).

ALVES, Maria Marcelita Pereira. A primeira feminista das Américas: as marcas da ousadia e da repressão nas cartas de Sor Filotea de la Cruz e de Sor Juana Inês de la Cruz. In. LUCENA, Maria Inês Ghiliard. (org). **Representações do feminino**. Campinas-SP: Editora Átomo, 2003.

BELLINE, Ana Helena Cizotto. A representação da Mulher e o Ensino de Literatura. In. LUCENA, Maria Inês Ghiliard. (org). **Representações do feminino**. Campinas-SP: Editora Átomo, 2003.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2015.

CAMINHA, Edmílson. **Rachel de Queiroz: a senhora do não me deixes** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

CONFORTIN, Helena. Discurso e Gênero: a mulher em foco. In. LUCENA, Maria Inês Ghiliard.(org). **Representações do feminino**. Campinas-SP: Editora Átomo, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1995.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação á pesquisa científica/** Elisa Pereira Gonsalves. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

GARBOGGINI, Flailda Brito. “Era Uma Vez” uma Mulher Margarida. In. LUCENA, Maria Inês Ghiliard. (org). **Representações do feminino**. Campinas-SP: Editora Átomo, 2003.

LUCENA, Maria Inês Ghiliard. **Representações do feminino**. Campinas-SP: Editora Átomo, 2003.

MORAES, Tereza. Escritura: caminho para a emancipação da mulher. In. LUCENA, Maria Inês Ghiliard.(org). **Representações do feminino**. Campinas-SP: Editora Átomo, 2003.

ORSINI, Maria Stella. Histórias Sonhadas, História Perdida. In. LUCENA, Maria Inês Ghiliard. (org). **Representações do feminino**. Campinas-SP: Editora Átomo, 2003.

PIRES, Vera Lúcia. A identidade do sujeito feminino: uma leitura das desigualdades. In. LUCENA, Maria Inês Ghiliard.(org). **Representações do feminino**. Campinas-SP: Editora Átomo, 2003.

QUEIROZ, Rachel de. **As três Marias**/ Rachel de Queiroz. - 26ªed.- Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

RAIJ, Cleonice Furtado de Mendonça van. Sêneca: a mulher e seu lugar contraditório. In. LUCENA, Maria Inês Ghiliard. (org). **Representações do feminino**. Campinas-SP: Editora Átomo, 2003.

SGARBIERI, Astrid Nilsson. A mulher brasileira; representações na mídia. In. LUCENA, Maria Inês Ghiliard. (org). **Representações do feminino**. Campinas-SP: Editora Átomo, 2003.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

VILLAÇA, Antonio Carlos. O drama da liberdade, sempre. In. CAMINHA, Edimilson. **Rachel de Queiroz: a Senhora do não me deixes** / Edmílson Caminha. – Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.